



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20 - N. 8- Oitavo levantamento | **MAIO 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Carlos Eduardo Meireles de Oliveira (estagiário)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 8 - Oitavo levantamento | **MAIO 2020**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Oitavo levantamento, Brasília, p. 1-66, maio 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benacil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuario e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RuralTins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuario de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de milho 2ª safra - Sureg - MT - Final: Lavoura de algodão - Sureg - TO

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área, produtividade e produção ----- 11



4. Análise climática - Inmet ----- 18



5. Análise das culturas ----- 23

5.1. Culturas de verão ----- 23

5.1.1. Algodão ----- 23

5.1.2. Amendoim ----- 26

5.1.3. Arroz ----- 27

5.1.4. Feijão ----- 31

5.1.5. Gergelim ----- 38

5.1.6. Girassol ----- 38

5.1.7. Mamona ----- 38

5.1.8 Milho ----- 39

5.1.9. Soja ----- 47

5.1.10. Sorgo ----- 51

5.2. Culturas de inverno ----- 53

5.2.1. Aveia ----- 53

5.2.2. Canola ----- 53

5.2.3. Centeio ----- 53

5.2.4. Cevada -----	53
5.2.5. Trigo -----	54
5.2.6. Triticale -----	55



6. Balanço de oferta e demanda ----- 56

6.1. Algodão -----	56
6.2. Arroz -----	57
6.3. Feijão -----	57
6.4. Milho -----	57
6.5. Soja -----	58
6.6. Trigo -----	59



7. Calendário agrícola de plantio e colheita ----- 61





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

O volume da produção de grãos no país está estimado em 250,9 milhões de toneladas, 3,7% ou 8,8 milhões de toneladas superior ao colhido em 2018/19. As culturas de primeira safra estão com a colheita encerrada. A conclusão da produção desta safra ainda depende do comportamento climático nas culturas de segunda safra, que se encontram em estádios avançados de desenvolvimento. Em relação as culturas de terceira safra e de inverno, o plantio ainda está em andamento.

Para a área plantada, neste oitavo levantamento, estima-se crescimento de 3,5% ou 2,2 milhões de hectares em relação à safra passada, situando-se em 65,5 milhões de hectares.

Algodão: as condições climáticas, exceto em áreas pontuais, vêm favorecendo o desenvolvimento da cultura, que, aliada ao ganho de área, resulta numa produção de 2,88 milhões de toneladas de pluma, 3,6% superior à safra passada.

Arroz: com a colheita próxima da finalização, a produção está estimada em 10,9 milhões de toneladas, 4,2% superior ao volume produzido na safra passada. Dessas, 10 milhões de toneladas em áreas de cultivo irrigado e 0,9 milhão de toneladas em áreas de plantio de sequeiro.

Feijão segunda safra: redução de 0,8% na área cultivada. Cultura em desenvolvimento e com a colheita já iniciada. As condições climáticas são favoráveis, o

que deve permitir uma produção de 1,24 milhão de toneladas.

Feijão terceira safra: cultura em fase de plantio. Área estimada em 589,5 mil hectares, crescimento de 1,5% sobre a área da safra pretérita.

Feijão total: a estimativa nacional de plantio de feijão, somando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, apresenta uma área de 2,9 milhões de hectares, e uma produção de 3 milhões de toneladas. Dessas, 1.851,4 mil toneladas são de feijão-comum cores, 687,4 mil toneladas de feijão-caupi e 509,5 mil toneladas de feijão-comum preto.

Milho primeira safra: com a proximidade do fim da colheita, a produção se confirma em 25,3 milhões de toneladas, 1,5% inferior à safra passada.

Milho segunda safra: crescimento de 7% na área de plantio, posicionando-se em 13,8 milhões de hectares, resultando numa estimativa de 75,9 milhões de toneladas.

Milho terceira safra: com os plantios em maio e junho

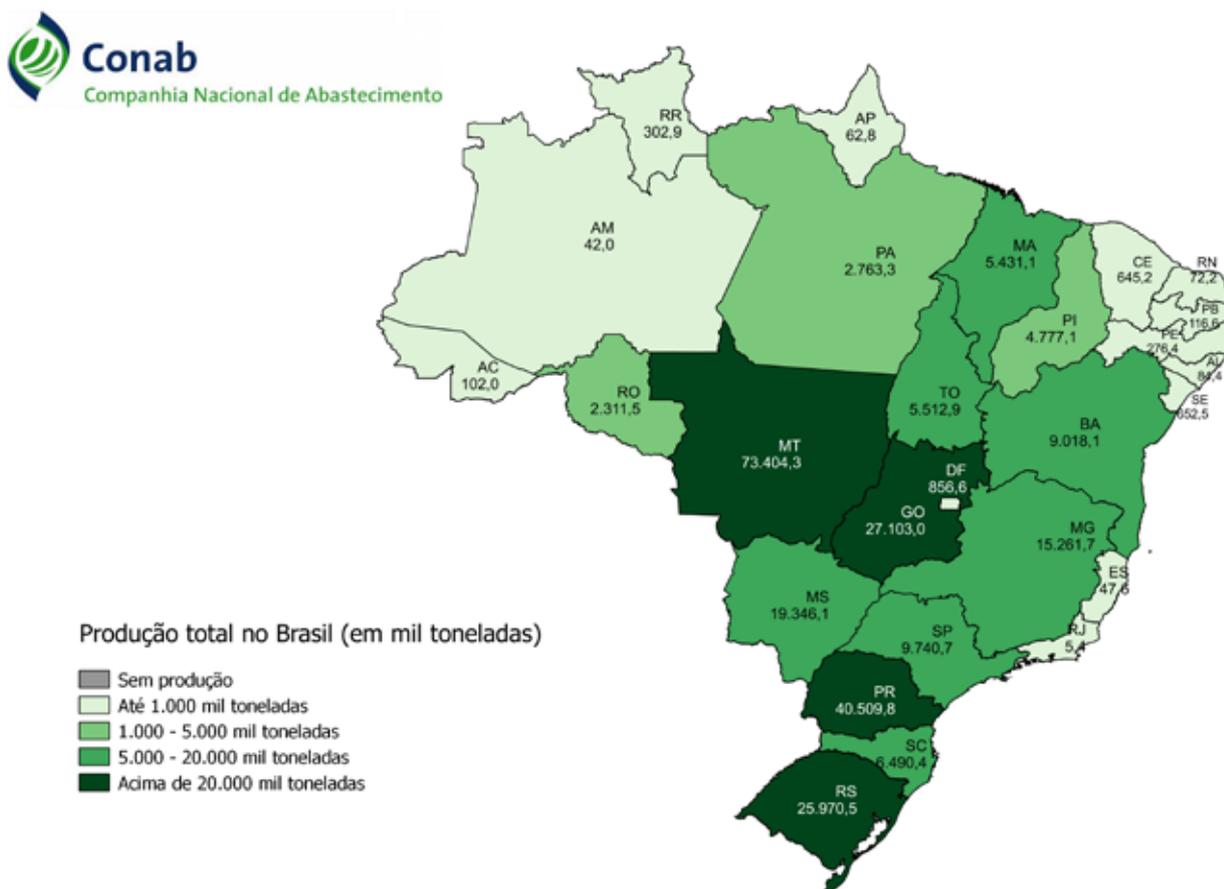
na região de Sealba (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima, as estimativas iniciais indicam uma área plantada em torno de 511,2 mil hectares, e produção de 1,17 milhão de toneladas.

Milho total: a estimativa nacional de plantio do milho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar área de 18,5 milhões de hectares, e produção de 102,3 milhões de toneladas.

Soja: produção estimada em 120,3 milhões de toneladas, ganho de 4,6% em relação à safra 2018/19. Comparativamente ao levantamento anterior houve perda de 1,4%, influenciada, sobretudo, pelas condições climáticas desfavoráveis no Rio Grande do Sul.

Culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada trigo e triticale): plantio ainda incipiente. Estima-se crescimento de 2% na área a ser plantada. Especificamente para o trigo, o plantio está em andamento, e as perspectivas são boas, indicando crescimento de 2,4% na área a ser cultivada, situando-se em 2,1 milhões de hectares, e a produção, dependendo do comportamento climático, em 5,4 milhões de toneladas.

Figura 1 - produção total no Brasil (em mil toneladas)





2. INTRODUÇÃO

A Conab tem, dentre as suas atribuições, a tarefa de levantar, consolidar e divulgar, após metódica análise, as informações referentes ao tamanho da safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade.

Esse trabalho é realizado utilizando, em média, 80 técnicos das diversas superintendências regionais distribuídas pelo país, que se deslocam para as zonas produtoras e, de forma presencial, contatam aproximadamente 900 informantes cadastrados, que formam a base da pesquisa. Essa é a estrutura montada pela empresa para elaborar uma ação que hoje se tornou referência internacional na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

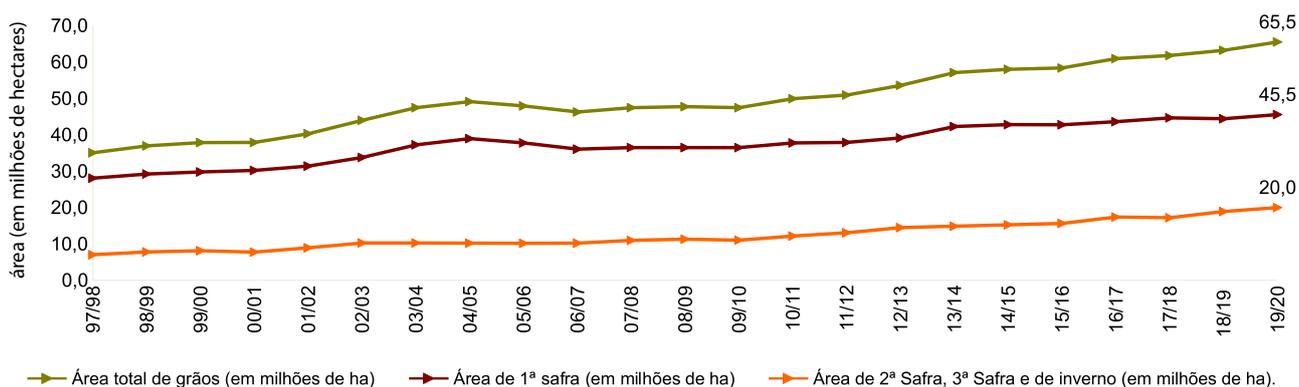
As ações estabelecidas pela empresa para o levantamento das safras continuam em linha com as determinações federais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde das pessoas. Essas medidas de combate obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não comprometer a qualidade dos serviços.



3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Com a colheita da soja finalizando e o plantio do milho segunda safra praticamente concluído, a área plantada brasileira nesta safra está estimada em 65.464,2 mil hectares, representando um incremento de 3,5% em comparação à safra passada, com uma variação absoluta de 2.208 mil hectares, influenciada principalmente pelo crescimento das áreas de milho e soja. Desse montante, as culturas de primeira safra ocupam uma área de 45,5 milhões de hectares, enquanto as culturas de segunda e terceira safras e de inverno são cultivadas em 20 milhões de hectares, a maior parte aproveitando áreas já cultivadas.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada

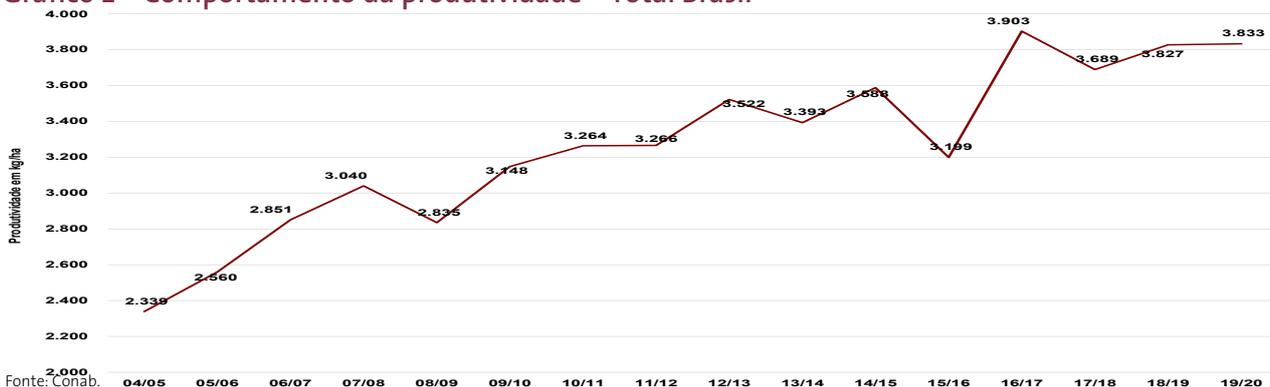


Fonte: Conab.

As culturas de primeira safra apresentaram melhor resposta às condições climáticas, apesar da instabilidade inicial, e, de uma maneira geral, rendimentos superiores aos da safra passada. As lavouras de soja, algodão e arroz apresentaram recuperação e, com a colheita finalizada, constata-se produtividades superiores aos da temporada anterior, a despeito de importantes estados produtores terem sido prejudicados pelo desempenho do clima.

O Rio Grande do Sul foi o estado mais comprometido pela ausência das chuvas, combinada com elevadas temperaturas nas fases sensíveis das culturas. Com os resultados apurados, confirma-se que essa foi uma das piores secas ocorridas, uma vez que desde a safra 2011/12 não se registrava tamanha magnitude de perdas nas suas lavouras.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Fonte: Conab.

Com a estimativa de forte aumento na área de milho segunda safra e o bom desempenho observado nas lavouras de soja, algodão e arroz, a produção brasileira de grãos na atual temporada deverá atingir

250,9 milhões de toneladas, apresentando variação positiva de 3,7% em relação à safra anterior, equivalendo a um aumento absoluto de 8,8 milhões de toneladas.

3.1. ALGODÃO

A área estimada para esta temporada é de 1.671 mil hectares, com incremento de 3,3% em relação aos 1.618,2 mil hectares cultivados na safra passada. As condições climáticas apresentam-se favoráveis, e a cultura segue com bom desenvolvimento.

pregados. As lavouras estão em estágio reprodutivo, mesmo com o volume de chuvas menor que o registrado na safra passada, não há indícios que o quadro de restrição de chuvas deverá afetar a produtividade média da safra atual.

Em Mato Grosso, de maneira geral, as condições das lavouras são muito boas e existem boas perspectivas para aumento na produtividade média, levando em consideração os melhores pacotes tecnológicos em-

Na Bahia, as lavouras estão em estágio de frutificação e maturação. O veranico de dezembro não causou danos, e as chuvas bem distribuídas têm gerado boas condições de desenvolvimento. A produtividade



de estadual é a maior do país e, mesmo com perdas pontuais, ocasionadas pelas chuvas ocorridas em abril, aproximam o rendimento aos níveis da safra passada.

Influenciada pelos grandes investimentos, que se tra-

3.2. ARROZ

Apesar da redução da área cultivada nos últimos anos, a proporção do plantio de arroz realizada em áreas irrigadas gera maior produtividade, o que vem permitindo a manutenção da produção ajustada ao consumo nacional. A produção para esta safra deverá atingir 10,88 milhões de toneladas, aumento de 4,2% em relação à safra passada.

A safra de arroz tem sua maior concentração na Região

3.3. FEIJÃO

Por ser uma cultura de ciclo curto, o feijão possibilita o plantio em até três momentos durante a temporada, na busca pelo equilíbrio no abastecimento. Na primeira safra deste ano, a área foi estimada em 926,6 mil hectares, crescimento de 0,4% em relação à safra passada. O bom desempenho do clima nos principais estados produtores contribuiu para que a produção atingisse 1,08 milhão de toneladas, 8,9% acima ao da última safra, bastante atingida pelas adversidades cli-

3.4. MILHO

A estimativa de área do milho primeira safra, na temporada 2019/20, foi de 4,22 milhões de hectares, 2,9% maior que a área cultivada na safra 2018/19, influenciada pelas boas expectativas de comercialização nesta temporada. Problemas climáticos na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul, prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, resultando em perdas significativas na produção, com uma redução de 4,3% na média nacional de produtividades em relação à safra anterior

A segunda safra de milho, com a semeadura encerrada, tem na Região Centro-Oeste a maior concentração da produção, com as expectativas agora voltadas para a evolução do quadro climático, nesta quadra final do estágio das lavouras. Como um percentual relevante da área foi plantada fora da janela climática recomendada, as chuvas de maio serão fundamentais para as lavouras que se encontram na grande maioria em

duzem na melhoria de aporte tecnológico aplicado ao setor e também pela expansão da área cultivada, a produção para esta temporada está estimada ser a maior da série histórica, atingindo 2,88 milhões de toneladas de algodão em pluma, representando incremento de 3,6% em relação à safra passada.

Sul, responsável por mais de 80% da oferta nacional. O quadro da seca, que ocorreu no Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, acabou por favorecer a cultura do arroz, já que houve a combinação de grande incidência de dias com céu limpo, temperaturas altas e noites amenas. Quando ocorreu a falta generalizada de água para as lavouras, a cultura já se encaminhava para o final do ciclo, não trazendo repercussões que afetassem sua produtividade.

máticas, que afetaram a produção.

O feijão segunda safra, com área plantada estimada em 1,4 milhão de hectares, 0,8% menor que a área da safra passada, tem sua atenção voltada para o desempenho do clima, particularmente nas Regiões Centro-Oeste e Sul. Nessa última, a colheita já iniciou, e a falta de chuvas durante o ciclo reflete em menor rendimento das lavouras.

frutificação. As expectativas, mesmo considerando a eventualidade de frustrações, causadas pelo comportamento do clima, é de aumento na produção na ordem de 3,7% em relação ao exercício passado, atingindo 75,9 milhões de toneladas.

A terceira safra de milho, com produção estimada em 1,17 milhão de toneladas, aparece nos radares da companhia, ao colher as informações das lavouras nas novas fronteiras agrícolas destinadas a gerar excedentes produtivos, vale dizer, a região denominada Sealba, que cobre as áreas produtoras situadas no nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, em Pernambuco e Roraima, caracterizada por apresentar um calendário produtivo semelhante ao do Hemisfério Norte. Dessa forma, a estimativa nacional de produção de milho, considerando as três safras na temporada 2019/20, está estimada em 102,3 milhões de toneladas.



3.5. SOJA

A produção estimada para esta safra atingiu 120,3 milhões de toneladas, um recorde na série histórica, representando um acréscimo de 4,6% em relação ao exercício passado. Apesar do forte impacto causado pelo desempenho da safra no Rio Grande do Sul, a cultura apresentou produtividades recordes em Mato Grosso, Paraná, Goiás, São Paulo, Tocantins, Maranhão, Rondônia e Distrito Federal.

Na Região Nordeste, particularmente no Matopiba, as condições climáticas trouxeram transtornos à semeadura, causando a necessidade de replantio em algumas regiões. Esse quadro melhorou, e as chuvas a partir de janeiro favoreceram substancialmente o desenvolvimento das lavouras, sendo esperada boa produtividade, confirmada pelas colheitas que avançam célere para o seu término.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19	2019/20		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.677,1	1.671,0	(0,4)	3,3	(6,1)	52,8
AMENDOIM TOTAL	146,8	157,4	160,1	1,7	9,1	2,7	13,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	150,2	153,0	1,9	9,4	2,8	13,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,2	7,1	(1,4)	1,4	(0,1)	0,1
ARROZ	1.697,4	1.650,5	1.650,3	-	(2,8)	(0,2)	(47,1)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	363,7	363,4	(0,1)	4,8	(0,3)	16,8
ARROZ IRRIGADO	1.350,8	1.286,8	1.286,9	-	(4,7)	0,1	(63,9)
FEIJÃO TOTAL	2.921,3	2.915,1	2.922,5	0,3	-	7,4	1,2
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.275,6	1.291,2	1,2	(1,6)	15,6	(20,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	334,4	336,7	323,7	(3,9)	(3,2)	(13,0)	(10,7)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.275,3	1.302,8	1.307,6	0,4	2,5	4,8	32,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	926,5	926,6	-	0,4	0,1	4,0
CORES	376,2	375,8	375,9	-	(0,1)	0,1	(0,3)
PRETO	169,8	163,1	163,1	-	(3,9)	-	(6,7)
CAUPI	376,6	387,6	387,6	-	2,9	-	11,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.417,7	1.401,6	1.406,4	0,3	(0,8)	4,8	(11,3)
CORES	442,2	406,6	403,9	(0,7)	(8,7)	(2,7)	(38,3)
PRETO	153,5	156,5	149,5	(4,5)	(2,6)	(7,0)	(4,0)
CAUPI	811,2	838,5	853,0	1,7	5,2	14,5	41,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	581,0	587,0	589,5	0,4	1,5	2,5	8,5
CORES	493,2	493,2	511,4	3,7	3,7	18,2	18,2
PRETO	11,1	17,1	11,1	(35,1)	-	(6,0)	-
CAUPI	76,7	76,7	67,0	(12,6)	(12,6)	(9,7)	(9,7)
GERGELIM	53,0	160,0	160,0	-	201,9	-	107,0
GIRASSOL	62,8	51,4	47,3	(8,0)	(24,7)	(4,1)	(15,5)
MAMONA	46,6	45,6	45,7	0,2	(1,9)	0,1	(0,9)
MILHO TOTAL	17.492,9	18.197,0	18.518,3	1,8	5,9	321,3	1.025,4
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.220,2	4.221,7	-	2,9	1,5	117,8
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.463,7	13.783,0	2,4	7,0	319,3	905,0
MILHO 3ª SAFRA	511,0	511,0	511,2	-	-	0,2	0,2
SOJA	35.874,0	36.847,6	36.843,5	-	2,7	(4,1)	969,5
SORGO	732,3	745,3	785,3	5,4	7,2	40,0	53,0
SUBTOTAL	60.645,3	62.444,9	62.801,6	0,6	3,6	356,7	2.156,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019	2020		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	401,0	398,7	(0,6)	0,2	(2,3)	0,7
CANOLA	34,0	33,8	33,8	-	(0,6)	-	(0,2)
CENTEIO	4,0	4,6	4,7	2,2	17,5	0,1	0,7
CEVADA	118,8	120,7	120,7	-	1,6	-	1,9
TRIGO	2.040,5	2.089,2	2.089,1	-	2,4	(0,1)	48,6
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.610,9	2.664,9	2.662,6	(0,1)	2,0	(2,3)	51,7
BRASIL	63.256,2	65.109,8	65.464,2	0,5	3,5	354,4	2.208,0

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em maio/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19	2019/20		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.575	2.575	2.582	0,3	0,3	7,6	7,8
ALGODÃO EM PLUMA	1.717	1.717	1.723	0,3	0,3	5,3	5,5
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.464	3.481	0,5	17,5	17,3	519,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.545	3.553	0,2	17,6	8,7	532,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.777	1.925	8,3	8,5	147,5	150,0
ARROZ	6.153	6.403	6.595	3,0	7,2	192,0	441,9
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.417	2.412	(0,2)	2,5	(4,2)	58,2
ARROZ IRRIGADO	7.128	7.530	7.776	3,3	9,1	246,4	648,2
FEIJÃO TOTAL	1.033	1.070	1.043	(2,6)	1,0	(27,6)	10,2
CORES	1.439	1.478	1.434	(3,0)	(0,4)	(44,7)	(5,4)
PRETO	1.476	1.773	1.574	(11,2)	6,6	(199,1)	97,7
CAUPI	498	490	526	7,4	5,5	36,0	27,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.155	1.162	0,6	8,4	7,0	90,1
CORES	1.498	1.551	1.552	0,1	3,6	1,9	54,6
PRETO	1.513	1.928	1.922	(0,3)	27,0	(5,9)	409,0
CAUPI	448	447	464	3,8	3,6	17,2	16,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	948	879	(7,2)	(4,1)	(68,7)	(37,8)
CORES	1.474	1.570	1.426	(9,1)	(3,2)	(143,5)	(47,7)
PRETO	1.491	1.737	1.263	(27,3)	(15,3)	(473,9)	(227,9)
CAUPI	517	499	553	10,8	7,0	53,9	36,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.253	1.230	1.246	1,3	(0,5)	16,5	(6,6)
CORES	1.363	1.348	1.352	0,3	(0,8)	4,2	(10,8)
PRETO	702	621	640	3,0	(8,9)	18,9	(62,5)
CAUPI	623	604	537	(11,1)	(13,9)	(67,2)	(86,4)
GERGELIM	780	797	797	-	2,2	-	17,1
GIRASSOL	1.669	1.580	1.587	0,4	(4,9)	6,9	(81,6)
MAMONA	658	648	725	11,9	10,2	77,2	67,3
MILHO TOTAL	5.719	5.599	5.527	(1,3)	(3,4)	(71,7)	(192,1)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	5.989	5.982	(0,1)	(4,3)	(7,4)	(267,7)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.603	5.508	(1,7)	(3,1)	(95,2)	(174,6)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.263	2.291	1,2	(3,9)	27,5	(94,2)
SOJA	3.206	3.313	3.266	(1,4)	1,9	(46,6)	59,5
SORGO	2.973	3.024	3.030	0,2	1,9	6,6	57,3
SUBTOTAL	3.883	3.923	3.887	(0,9)	0,1	(36,0)	4,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019	2020		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.261	2.266	0,2	2,6	5,0	57,0
CANOLA	1.429	1.417	1.417	-	(0,8)	-	(12,0)
CENTEIO	2.083	2.130	2.128	(0,1)	2,2	(2,0)	45,0
CEVADA	3.612	3.179	3.179	-	(12,0)	-	(433,0)
TRIGO	2.526	2.600	2.601	-	3,0	1,0	75,0
TRITICALE	2.904	2.756	2.756	-	(5,1)	-	(148,0)
SUBTOTAL	2.515	2.560	2.562	0,1	1,9	2,0	47,0
BRASIL (2)	3.827	3.867	3.833	(0,9)	0,1	(34,5)	5,7

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19	2019/20		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	4.166,4	4.318,1	4.315,0	(0,1)	3,6	(3,1)	148,6
ALGODÃO EM PLUMA	2.778,8	2.880,4	2.879,0	-	3,6	(1,4)	100,2
AMENDOIM TOTAL	434,6	545,1	557,3	2,2	28,2	12,2	122,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	532,3	543,6	2,1	28,8	11,3	121,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	12,8	13,7	7,0	10,5	0,9	1,3
ARROZ	10.445,1	10.568,8	10.884,3	3,0	4,2	315,5	439,2
ARROZ SEQUEIRO	816,1	879,1	876,7	(0,3)	7,4	(2,4)	60,6
ARROZ IRRIGADO	9.629,0	9.689,7	10.007,6	3,3	3,9	317,9	378,6
FEIJÃO TOTAL	3.016,9	3.120,7	3.048,1	(2,3)	1,0	(72,6)	31,2
CORES	1.888	1.886	1.851	(1,8)	(1,9)	(34,8)	(36,4)
PRETO	493	597	510	(14,7)	3,3	(87,6)	16,1
CAUPI	636	638	687	7,8	8,1	49,5	51,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.070,8	1.077,3	0,6	8,9	6,5	88,2
CORES	563,4	582,7	583,7	0,2	3,6	1,0	20,3
PRETO	256,9	314,7	313,7	(0,3)	22,1	(1,0)	56,8
CAUPI	168,8	173,4	180,0	3,8	6,6	6,6	11,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,6	1.328,4	1.236,4	(6,9)	(4,9)	(92,0)	(63,2)
CORES	652,0	638,5	576,1	(9,8)	(11,6)	(62,4)	(75,9)
PRETO	228,7	271,8	188,7	(30,6)	(17,5)	(83,1)	(40,0)
CAUPI	418,9	418,1	471,4	12,7	12,5	53,3	52,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	728,0	722,0	734,8	1,8	0,9	12,8	6,8
CORES	672,4	665,0	691,6	4,0	2,9	26,6	19,2
PRETO	7,8	10,6	7,1	(33,0)	(9,0)	(3,5)	(0,7)
CAUPI	47,9	46,4	36,0	(22,4)	(24,8)	(10,4)	(11,9)
GERGELIM	41,3	127,5	127,5	-	208,7	-	86,2
GIRASSOL	104,9	81,2	75,1	(7,5)	(28,4)	(6,1)	(29,8)
MAMONA	30,6	29,5	33,1	12,2	8,2	3,6	2,5
MILHO TOTAL	100.042,7	101.867,9	102.336,6	0,5	2,3	468,7	2.293,9
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	25.274,6	25.252,4	(0,1)	(1,5)	(22,2)	(394,3)
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	75.436,8	75.913,3	0,6	3,7	476,5	2.735,6
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.156,5	1.171,0	1,3	(3,9)	14,5	(47,7)
SOJA	115.029,9	122.060,2	120.329,6	(1,4)	4,6	(1.730,6)	5.299,7
SORGO	2.177,0	2.253,5	2.379,6	5,6	9,3	126,1	202,6
SUBTOTAL	235.489,4	244.972,5	244.086,2	(0,4)	3,7	(886,3)	8.596,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019	2020		Percentual		Absoluta	
	(a)	Abr/2020 (b)	Mai/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	879,1	906,7	903,5	(0,4)	2,8	(3,2)	24,4
CANOLA	48,6	47,9	47,9	-	(1,4)	-	(0,7)
CENTEIO	9,4	9,8	10,0	2,0	6,4	0,2	0,6
CEVADA	429,1	383,7	383,7	-	(10,6)	-	(45,4)
TRIGO	5.154,7	5.431,3	5.432,8	-	5,4	1,5	278,1
TRITICALE	45,3	43,0	43,0	-	(5,1)	-	(2,3)
SUBTOTAL	6.566,2	6.822,4	6.820,9	-	3,9	(1,5)	254,7
BRASIL (2)	242.055,6	251.794,9	250.907,1	(0,4)	3,7	(887,8)	8.851,5

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.096,5	3.253,1	5,1	3.281	3.411	4,0	10.158,9	11.097,4	9,2
RR	72,4	74,5	2,9	3.913	4.066	3,9	283,3	302,9	6,9
RO	576,7	603,9	4,7	3.802	3.828	0,7	2.192,4	2.311,5	5,4
AC	47,5	47,5	-	2.042	2.147	5,2	97,0	102,0	5,2
AM	17,9	18,8	5,0	2.162	2.234	3,3	38,7	42,0	8,5
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	937,4	3,5	2.907	2.948	1,4	2.632,1	2.763,3	5,0
TO	1.452,4	1.546,6	6,5	3.343	3.565	6,6	4.855,0	5.512,9	13,6
NORDESTE	8.013,7	8.214,1	2,5	2.415	2.566	6,2	19.354,8	21.073,6	8,9
MA	1.572,5	1.608,9	2,3	3.152	3.376	7,1	4.956,2	5.431,1	9,6
PI	1.499,6	1.539,0	2,6	2.950	3.104	5,2	4.424,4	4.777,1	8,0
CE	872,6	975,4	11,8	593	661	11,5	517,8	645,2	24,6
RN	106,6	116,6	9,4	596	619	3,9	63,5	72,2	13,7
PB	188,1	204,7	8,8	396	570	43,8	74,5	116,6	56,5
PE	446,3	458,1	2,6	495	603	21,9	221,0	276,4	25,1
AL	65,9	65,5	(0,6)	1.332	1.289	(3,3)	87,8	84,4	(3,9)
SE	157,3	157,3	-	5.097	4.148	(18,6)	801,7	652,5	(18,6)
BA	3.104,8	3.088,6	(0,5)	2.644	2.920	10,4	8.207,9	9.018,1	9,9
CENTRO-OESTE	26.881,4	28.293,7	5,3	4.140	4.266	3,1	111.285,4	120.710,0	8,5
MT	16.183,5	17.174,2	6,1	4.171	4.274	2,5	67.494,4	73.404,3	8,8
MS	4.871,2	4.949,5	1,6	3.760	3.909	4,0	18.318,0	19.346,1	5,6
GO	5.665,0	6.007,9	6,1	4.349	4.511	3,7	24.638,2	27.103,0	10,0
DF	161,7	162,1	0,2	5.163	5.284	2,4	834,8	856,6	2,6
SUDESTE	5.656,6	5.887,9	4,1	4.032	4.255	5,5	22.809,0	25.055,4	9,8
MG	3.453,1	3.530,1	2,2	4.114	4.323	5,1	14.206,2	15.261,7	7,4
ES	26,3	26,0	(1,1)	1.749	1.831	4,7	46,0	47,6	3,5
RJ	3,0	2,7	(10,0)	1.967	2.000	1,7	5,9	5,4	(8,5)
SP	2.174,2	2.329,1	7,1	3.933	4.182	6,3	8.550,9	9.740,7	13,9
SUL	19.608,0	19.815,4	1,1	4.001	3.683	(8,0)	78.447,5	72.970,7	(7,0)
PR	9.649,5	9.744,6	1,0	3.757	4.157	10,7	36.251,0	40.509,8	11,7
SC	1.255,7	1.271,5	1,3	5.264	5.105	(3,0)	6.609,6	6.490,4	(1,8)
RS	8.702,8	8.799,3	1,1	4.089	2.951	(27,8)	35.586,9	25.970,5	(27,0)
NORTE/NORDESTE	11.110,2	11.467,2	3,2	2.656	2.805	5,6	29.513,7	32.171,0	9,0
CENTRO-SUL	52.146,0	53.997,0	3,5	4.076	4.051	(0,6)	212.541,9	218.736,1	2,9
BRASIL	63.256,2	65.464,2	3,5	3.827	3.833	0,1	242.055,6	250.907,1	3,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2020.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

As chuvas acumuladas em abril mantiveram padrão semelhante ao dos primeiros meses do ano, com grandes volumes em localidades no Centro-Norte do Brasil, especialmente nas Regiões Norte e Nordeste, enquanto em praticamente toda a Região Sul e parte das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, os volumes foram bem mais modestos, o que manteve a condição de seca, especialmente no Rio Grande do Sul.

Os totais pluviométricos do último mês do período chuvoso foram dentro da média ou acima na região do Matopiba. Predominantemente, os totais na região ficaram na faixa entre 100 mm e 300 mm. Porém, em algumas localidades, o total ficou muito acima dessa faixa. Em Carolina, no Maranhão, o total foi de pouco mais de 400 mm, e em Taguatinga, em Tocantins, foram registrados 390 mm. Nesses exemplos, o observado foi equivalente a 100% acima da média histórica no primeiro e 280% no segundo.

Na Região Centro-Oeste, os totais de precipitação ficaram entre 90 mm e 200 mm no Distrito Federal e centro-norte de Mato Grosso e Goiás, enquanto no sul do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, os volumes ficaram entre 40 mm e 90 mm, ainda assim, dentro da faixa normal para o último mês do período

¹ Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista do Inmet - Brasília.

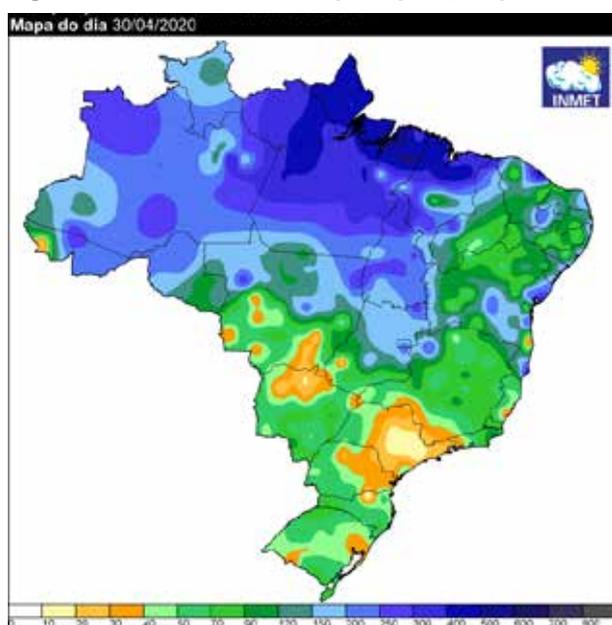
chuvoso climático.

No Sudeste, algumas localidades de São Paulo apresentaram volumes de precipitação abaixo da média para abril. Como em Sorocaba, onde o volume acumulado foi de apenas 30% da sua média histórica. No estado paulista, os totais ficaram entre 20 mm e 50 mm. Contudo, nos outros estados da região, os volumes acumulados foram predominantemente em torno da média ou mesmo acima, com totais variando entre 50 mm e 150 mm. Em Unai, no oeste de Minas Gerais, o volume acumulado foi de 150 mm, superando consideravelmente a média histórica de 90 mm. Enquanto em Cordeiro, no Rio de Janeiro, o total acumulado registrado pela estação automática do Inmet alcançou a

média histórica da localidade, que é de 65 mm.

Na Região Sul, os totais pluviométricos ficaram na faixa entre 40 mm e 90 mm, aproximando-se da média em algumas localidades. Porém, em várias estações meteorológicas, o total acumulado ficou abaixo de 50% da média histórica. Em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, cuja média histórica é cerca de 120 mm, foram registrados pouco mais de 30 mm na estação meteorológica do Inmet. Além do baixo volume de precipitação acumulada, a frequência de dias com chuva em muitas localidades não foi mais que cinco ocorrências em todo o mês, gerando uma má distribuição temporal e contribuindo, ainda mais, para continuidade do déficit hídrico no solo em áreas de cultivo.

Figura 2 - Acumulado da precipitação pluviométrica em abril/2020 no Brasil



Fonte: Inmet.

4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Durante a segunda quinzena de abril, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o padrão de neutralidade, com desvios (positivos e negativos) inferiores a 0,5 °C, com algumas áreas dispersas com desvios positivos superiores a 0,5 °C.

A alta variabilidade diária da temperatura da superfície (TSM) de mar ficou em torno de 0,6 °C em março e abril, contudo, na última semana de abril e primeira semana de maio, houve uma tendência de resfriamento, com desvios positivos mais próximos de zero, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W). Essa condição térmica na superfície oceânica demonstra a condição de neutralidade no Pacífico Equatorial.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

Por outro lado, no Atlântico Tropical, ainda persiste a formação de um Dipolo negativo, ou seja, o Atlântico Tropical Sul mais quente que o Tropical Norte, como se observa no mapa da última quinzena de abril. O sinal positivo do Dipolo vem favorecendo o período de chuvas no norte das Regiões Norte e Nordeste do Brasil desde janeiro, e a sua manutenção desse padrão contribuiu com a regularidade das chuvas em abril nessas regiões.

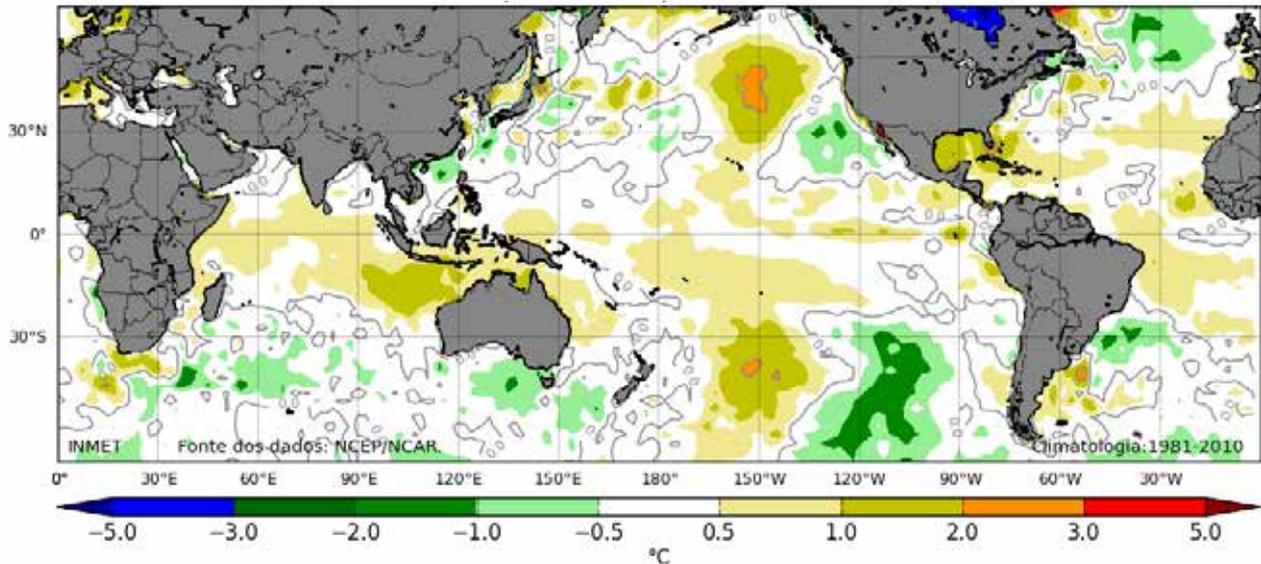
Também no Atlântico, próximo à costa do Rio Gran-



de do Sul, observa-se um predomínio de anomalias negativas na segunda quinzena de abril. Tal condição foi desfavorável ao fluxo de umidade do oceano em direção ao Sul do Brasil. Porém, quando comparada a segunda quinzena com períodos anteriores, nota-se o aumento de uma área de águas mais

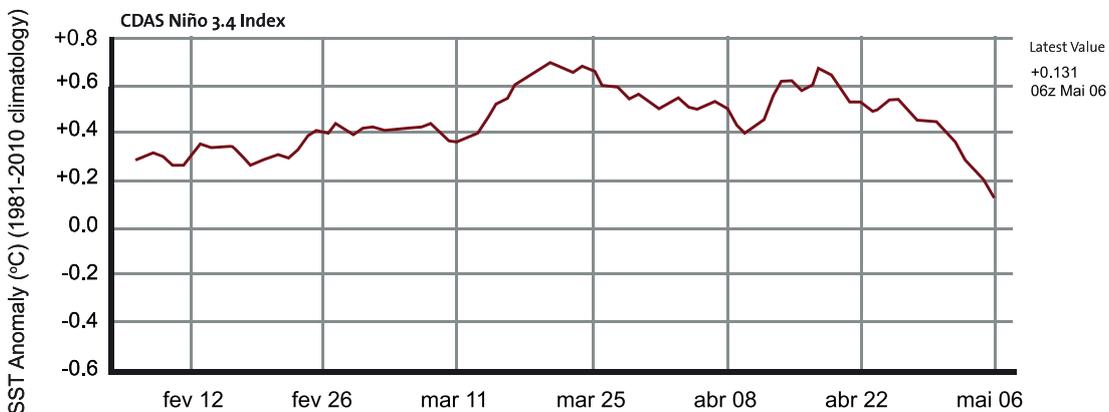
quentes próxima à costa do Uruguai e da Argentina, o que poderá contribuir com o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente na Região Sul, favorecendo a ocorrência de chuvas, caso essa área se intensifique em maio, como demonstra estar.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período de 16-30/04/2020



Fonte: Inmet.

Gráfico 3 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



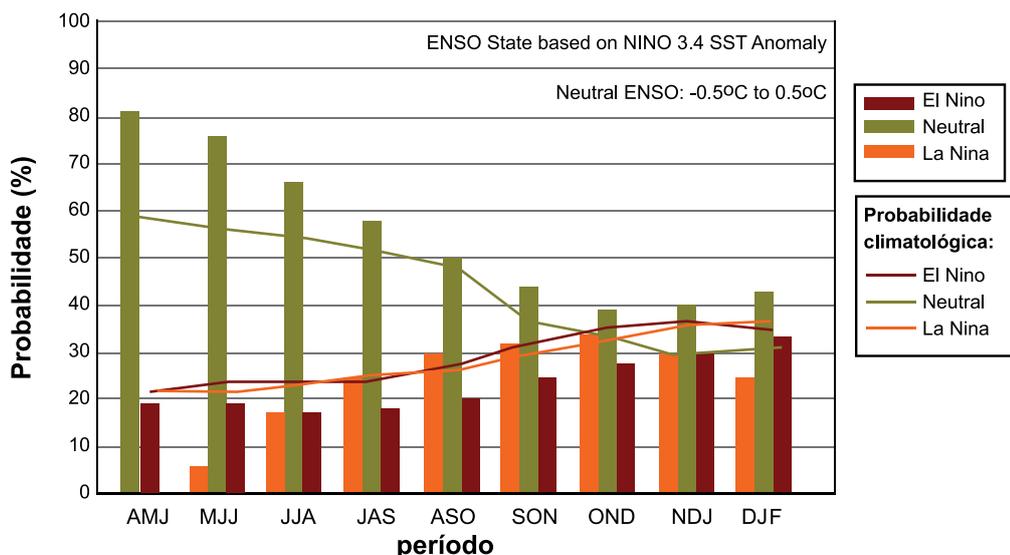
Fonte: <http://www.tropicaltidbits.com/analysis>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta probabilidade de 70% que o trimestre maio-junho-julho se mantenha na fase

neutra, indicando ainda a persistência de neutralidade nos trimestres seguintes até o final do inverno, porém com probabilidades menores.



Gráfico 4 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>

4.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO-JUNHO-JULHO/2020

Para a Região Sul, a previsão climática indica probabilidades de que as chuvas fiquem abaixo da média climatológica do trimestre na maior parte da região. Em maio, há a possibilidade de chuvas mais intensas no oeste da região, concentradas principalmente na primeira quinzena.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão indica o predomínio de áreas com chuvas abaixo da média durante o trimestre. Porém esse trimestre é tipicamente de baixa pluviosidade, e o indicativo de chuvas abaixo da média apenas aponta para um período dentro das suas características típicas de baixa ou nenhuma precipitação. Em maio, há possibilidade de chuvas isoladas em todos os estados dessas regiões antes do pleno estabelecimento do período seco.

Para a Região Nordeste, a previsão climática indica maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima nas faixas leste e norte. No interior da

Bahia e sul do Piauí, as probabilidades indicam que a chuva do período pode ficar abaixo da média. Em maio, as chuvas devem ocorrer com maior intensidade nas faixas norte e leste da região.

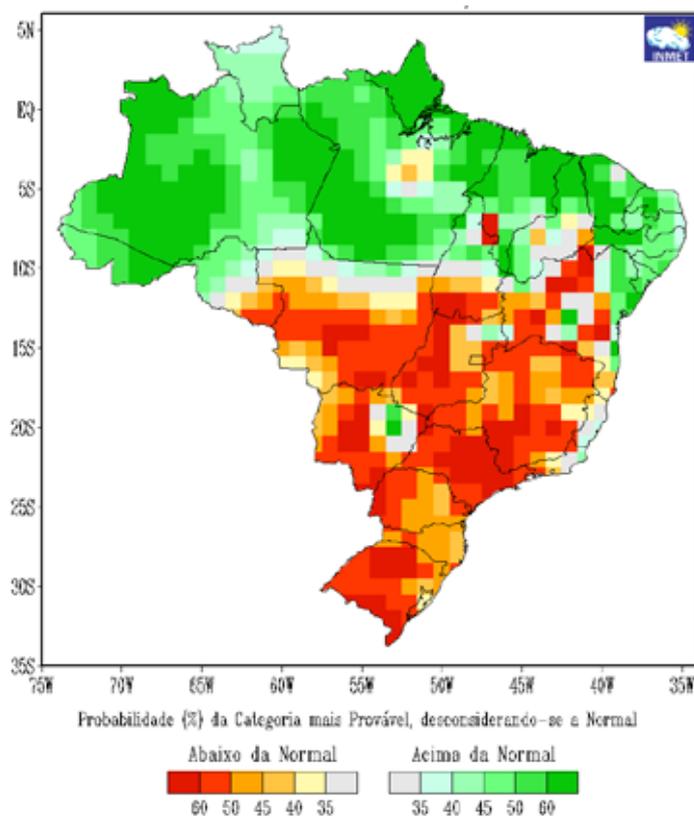
A previsão para a Região Norte indica maior probabilidade de chuvas acima da média climatológica em praticamente toda a região.

Quanto às temperaturas, as previsões indicam que devem predominar temperaturas acima da média histórica na metade norte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, na faixa normal ou acima no Norte e no Nordeste, e possibilidade de ficar abaixo na Região Sul, no Mato Grosso do Sul, em São Paulo e no sul de Minas Gerais.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre maio-junho-julho/2020





5. ANÁLISE DAS CULTURAS

5.1 CULTURAS DE VERÃO

5.1.1. ALGODÃO

O panorama se mantém otimista para a produção de algodão nesta safra. As condições climáticas, de maneira geral, continuam favoráveis à cultura nas principais regiões produtoras, além do incremento de área plantada em comparação à temporada anterior. Dessa forma, a perspectiva é de produção na ordem de 7.194 mil toneladas de algodão em caroço, indicando aumento de 3,6% em relação a 2018/19.

Na Região Norte foram plantados cerca de 17,8 mil hectares nesta safra. Tal área está distribuída entre Roraima, Rondônia e Tocantins. Quanto à produção, a estimativa atual é de aproximadamente 68,4 mil toneladas de algodão em caroço colhidas na região, indicando incremento de 5,4% em comparação a 2018/19.

Em Rondônia, as lavouras estão avançando em seu ciclo fenológico, com bom desenvolvimento da cultura. Mais de 55% da área plantada (9,8 mil hectares) apresenta lavouras em fase de formação de maçãs, outros 5% no estágio de abertura do capulho e o restante ainda em floração. A projeção é que a colheita se inicie até julho, com estimativa de produção na ordem de 36,8 mil toneladas de algodão em caroço.

Em Tocantins, as lavouras estão em boa condição de desenvolvimento, encontrando-se predominantemente em fase de formação dos capulhos. Assim, a safra apresentou crescimento na área plantada (em torno de

55,2%) em comparação a 2018/19, alcançando 6,8 mil hectares semeados. Regiões que anteriormente eram semeadas com soja passaram a cultivar o algodão, especificamente nos municípios de Peixe e Campos Lindos. Quanto à produção, a estimativa é de 26,4 mil toneladas colhidas com o algodão em caroço, 49,2% superior à temporada passada.

Figura 5 - Lavoura de algodão em Tocantnia – TO



Fonte: Conab

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, houve redução na área plantada, de aproximadamente 3,8%, atingindo 363,4 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores. As lavouras estão em diferentes estádios de desenvolvimento, mas, no geral, a previsão é de 1.598,3 mil toneladas do algodão em caroço colhidas.

No Maranhão houve dois períodos distintos de semeadura. As lavouras de algodão herbáceo, plantadas a partir da segunda quinzena de dezembro de 2019, são consideradas de primeira safras, e, atualmente, estão em fase mais avançada de desenvolvimento (estádios de floração a frutificação). Já as lavouras de segunda safra foram cultivadas mais tardiamente, a partir da segunda quinzena de janeiro de 2020, com maior concentração no sul do estado, especificamente na região de Balsas. Somando as áreas plantadas, nos dois períodos, foram cerca de 26,5 mil hectares destinados à cotonicultura no estado, apontando redução de 4,3% em comparação à área semeada em 2018/19. As condições climáticas são consideradas favoráveis à cultura, até o momento, isso impacta em uma previsão de incremento na produção final, que deve chegar a 112,7 mil toneladas (9,7% maior que a temporada anterior).

No Piauí foi semeada uma área de 19,5 mil hectares, correspondendo a um incremento de 21% em relação à área da safra passada. Esse acréscimo está relacionado à expansão de áreas agrícolas que já eram destinadas à cotonicultura, bem como a incorporação de novas fronteiras que antes estavam atreladas ao estado de Tocantins. Atualmente, a maior parte das lavouras está em fase reprodutiva, com algumas áreas já apresentando formação de plumas. Com a aproximação da colheita, a expectativa é que sejam produzidas cerca de 73,4 mil

toneladas, representando acréscimo de 27% em comparação a 2018/19.

Na Bahia, a cotonicultura está concentrada no extremo-oeste (mais de 97% da área plantada) e no centro-sul do estado, com lavouras manejadas tanto em regime de sequeiro quanto em condição irrigada, por meio de gotejamento e pivô central. Para esta safra foram destinados cerca de 315 mil hectares para o cultivo do algodão, representando redução de 5,1% em relação à área semeada no último exercício. Neste momento, as lavouras estão predominantemente em estágio de frutificação e maturação, com expectativa de produção na ordem de 1.408,1 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, houve crescimento na área plantada em comparação a 2018/19, de aproximadamente 5,8%. Ao todo foram 1.239,8 mil hectares semeados na região, sendo mais de 94% só em Mato Grosso. Quanto à produção, a projeção também é de incremento, devendo chegar a mais de 5.318 mil toneladas produzidas de algodão em caroço.

Em Mato Grosso, as lavouras estão em estágio reprodutivo, com boas condições de desenvolvimento, até o momento. Algumas regiões apresentaram restrições pluviométricas, especialmente em abril, mas o acumulado hídrico nos solos minimizou os efeitos desse estresse. As próximas semanas serão importantes na determinação do potencial produtivo das lavouras, com a cultura alcançando fases fenológicas críticas na produção da pluma. Atualmente, o rendimento médio está estimado em 4.289 kg/ha, com perspectiva de produção próxima a 5.015,1 mil toneladas de algodão em caroço.

Em Mato Grosso do Sul foram cerca de 32 mil hectares semeados com a cultura nesta safra, sendo considerados dois períodos distintos para realização desse plantio. O algodão de primeira safra, cultivado ainda em 2019, está em fase de colheita, com finalização das operações na região sul e centro sul do estado, além de intensificação no ritmo da colheita na região norte e nordeste do estado. Já o algodão de segunda safra está predominantemente na fase de floração e frutificação. De maneira geral, a escassez de chuvas visualizada nas últimas semanas está impactando o desenvolvimento dessas lavouras mais tardias, podendo influenciar em seu potencial produtivo, caso esse cenário persista por muito tempo. A estimativa de produtividade média é de 4.313 kg/ha, perfazendo uma produção de 138 mil toneladas.

Em Goiás, as lavouras plantadas mais precocemente, consideradas de primeira safra, estão em estágio mais avançado de desenvolvimento, como formação de maçãs e abertura de capulho. Já as lavouras de segunda safra, que correspondem cerca de 40% dos 43 mil hectares semeados com a cultura nessa temporada,



encontram-se em fase de florescimento. De maneira geral, as condições climáticas estão favoráveis ao desenvolvimento da cultura, porém há relatos de incidência fúngica no leste goiano, em decorrência do excesso de umidade em algumas regiões.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que apresentam produção de algodão nesta safra. Foram 48,8 mil hectares semeados na região, com projeção de produção na ordem de 205,2 mil toneladas. Em Minas Gerais, o início da colheita está previsto para junho, com expectativa de produção de 161 mil toneladas de algodão em caroço. O clima, até o momento, é considerado satisfatório para as lavouras, refletindo assim no rendimento médio esperado, que sinaliza in-

cremento de 6% em comparação a 2018/19.

Em São Paulo, a colheita do algodão está em andamento, com cerca de 60% dos 11 mil hectares plantados já efetivados, até o fim de abril. A produtividade média estimada, até o momento, é de 4.015 kg/ha, e a previsão de produção é na ordem de 44,2 mil toneladas.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor nesta safra, com área plantada de aproximadamente 1,2 mil hectares, pulverizada em vários municípios do norte do estado. As operações de colheita estão em andamento, atingindo cerca de 30% até o final de abril. A previsão é que até junho sejam finalizadas, obtendo cerca de 3,6 mil toneladas de algodão em caroço.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C		C
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C		C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	M/C	C	C		C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.1.2. AMENDOIM

5.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A produção de amendoim, distribuída entre primeira e segunda safras, é estimada em 557,3 mil toneladas, 28,2% maior que na última safra.

A produção é concentrada na primeira safra e foram colhidas 543,6 mil toneladas em uma área de 153 mil hectares, 9,4% superior à área semeada na última safra.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim foi

estimada em 1,7 mil hectares e produtividade em 2.908 kg/ha.

No Paraná, 72% da área plantada, de 1,7 mil hectares, encontra-se colhida, com uma produtividade média atualmente esperada de 2.593 kg/ha, com aumento de 32,6% frente à safra passada. Trata-se de cultivos com baixo nível tecnológico, parte destinada à própria subsistência e parte comercializada com indústrias de doces.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

A segunda safra está acontecendo agora. Estimada uma produção de 13,7 mil toneladas.

Em São Paulo, a safra da seca (segunda safra) tem menor produção do que a das águas por não serem ideais às condições de calor e umidade requeridas pelo amendoim.

O período mais adequado ao cultivo da seca vai do final de fevereiro, após a colheita do amendoim das águas (primeira safra), até próximo ao final de março.

Esta safra é responsável por menos 5% da produção total de amendoim no estado, cultivado predominantemente na região de Alta Paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens.

Na Paraíba, com a média histórica em torno de 0,4 mil hectares, a safra atual deverá ter ligeiro incremento, com áreas destinadas à cultura no total de 0,5 mil hectares, com produtividade média de 771 Kg/ha.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
BA	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto									P/G	DV/F	F/FR	M/C	C
	Ribeirão Preto									P/G	DV/F	F/FR	M/C	C
	Presidente Prudente									P/G	DV/F	F/FR	M/C	C
	Marília									P/G	DV/F	F/FR	M/C	C
	Assis									P/G	DV/F	F/FR	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.1.3. ARROZ

O oitavo levantamento da cultura de arroz da safra 2019/20 mantém a perspectiva de incremento na produção, quando comparado à temporada passada, agora com estimativa de variação em torno de 4,2%, devendo alcançar 10.884,3 mil toneladas. A área plantada sofreu redução de 2,8% em relação ao mesmo período, porém a produtividade média estimada está 7,2% superior.

A área plantada em manejo irrigado foi de 1.286,9 mil hectares, retração de 4,7% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro houve aumento de 4,8%, chegando a 363,4 mil hectares semeados.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 225,5 mil hectares, com projeção de produção na ordem de 992,9 mil toneladas. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente em sequeiro, com dois períodos distintos de semeadura. Na primeira safra, a área destinada ao plantio da cultura foi de 38,5 mil hectares, já o cultivo da segunda safra ficou próximo aos 4 mil hectares. De maneira geral, a produtividade média no estado está estimada em 3.280 Kg/ha, até o momento, com expectativa de produção de 139,4 mil, indicando crescimento de 1,4% em comparação a 2018/19. Chuvas em atraso e de forma irregular caracterizaram o início desta safra. Atualmente ainda são evidentes as regularidades das precipitações, estando o solo bem suprido de água nas lavouras ainda em produção. Os produtores de arroz implantaram a cultura em primeira safra mais tardiamente, entre novembro e dezembro, e o leve atraso inicial das chuvas não trouxe impactos mais expressivos para a cultura do arroz safra, que se esperava impactar negativamente na cultura sucessora, o que não está ocorrendo para as lavouras ainda em anda-

mento. A cultura da primeira safra está fenologicamente assim distribuída: 20% em maturação e 80% já colhida. Já as lavouras de segunda safra estão em frutificação (55%) e maturação (45%). O calendário agrícola para essa safra ficou um tanto atrasado, no que concerne às chuvas iniciais, muito embora como já dito, não impactando a cultura da primeira safra, visto que sua implantação no campo ocorreu majoritariamente em dezembro de 2019.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Geralmente a cultura é consorciada com outros plantios, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum cores. A área estimada nesta safra mantém-se em 4,9 mil hectares, com perspectiva de produção de 6,4 mil toneladas.

No Pará, o arroz de sequeiro teve um ganho de área de 14,3% em relação à safra 2018/19, porém perdeu produtividade, recuando 3,8%. No entanto, a produção avança 9,8% em relação à safra passada. Quanto ao arroz de várzea ou irrigado, os números são os mesmos do levantamento anterior, com projeção de 24,8 mil toneladas produzidas.

Em Tocantins, a colheita do arroz de sequeiro se aproxima do final. Nas áreas semeadas por pequenos agricultores as produtividades foram dentro do esperado, relativamente baixas devido ao baixo grau de tecnologia utilizada.

Para o arroz irrigado, aquele plantado mais precocemente está com a colheita próxima do final, com 98% da área colhida. As chuvas ocorridas em abril atrapalharam a finalização da colheita em algumas regiões. Em Lagoa da Confusão choveu mais de 300 mm no período e ocorreu uma chuva acumulada em 24 ho-



ras de mais de 100 mm. Essa precipitação causou acamamento em algumas lavouras de arroz. As lavouras têm alcançado produtividades superiores às da safra passada, devendo alcançar produtividade superior a 96 scs/ha. Já para o arroz irrigado considerado de segunda safra, as lavouras se encontram na fase de enchimento de grãos e, até o momento, não foram relatados problemas fitossanitários diferentes dos usuais. A colheita deve iniciar no final de maio e se concentrar em junho.

Em Roraima há duas épocas distintas de produção para o arroz: a primeira, que teve sua semeadura iniciada em setembro, perdurando até janeiro de 2020, e a segunda, que tem previsão de realização em maio de 2020. Ao todo, a área destinada à rizicultura no estado deverá ser de 10,3 mil hectares, com maior proporção de área cultivada na primeira safra (cerca de 7,7 mil hectares, que já estão colhidos). Diante da complexidade de se manter ou aumentar a área de produção de arroz, a cultura é desenvolvida apenas por produtores já tradicionais no estado, sem atrair novos empresários rurais para o ramo.

No Amazonas, o cultivo de arroz no estado acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. Foram semeados 2,4 mil hectares o dobro em relação à safra. Quanto à produção, a estimativa é que sejam colhidas 5,4 mil toneladas do grão.

Na Região Nordeste houve retração na área plantada com arroz irrigado de 1,9% em comparação à safra passada. Em contrapartida, o arroz de sequeiro aumentou sua área em 9,7%, perfazendo um total semeado de 155,9 mil hectares semeados, no estado, neste ciclo.

No Maranhão, o cultivo de arroz com o uso de irrigação controlada, com formação e manutenção de lâmina de água, é restrito aos municípios de Viana, Vitória do Mearim, Arari e São Mateus. A área plantada de arroz irrigado de 1,6 mil hectares foi semeada de junho a agosto de 2019, e colhida de novembro de 2019 a janeiro de 2020. A produtividade média apresentada foi de 5,875 kg/ha, 21,6% superior à obtida na safra passada.

Já as lavouras de arroz de sequeiro apresentaram acréscimo de 7,7% em relação à safra anterior, passando para 88,2 mil hectares semeados nesta temporada. Com as condições climáticas favoráveis à cultura ao longo do ciclo, a expectativa é de aumento na produção de 20,2%, devendo alcançar 142,1 mil toneladas colhidas.

No Piauí, a área de arroz total sofreu incremento na

ordem de 15%, atingindo 53,6 mil hectares, e a produtividade esperada em torno dos 1.675 kg/ha. O plantio dessa cultura iniciou-se na segunda quinzena de novembro em algumas áreas do cerrado piauiense atualmente concluída em todas as regiões do estado. As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento e 50% da safra atual já foi colhida, 40% está em maturação e 10% em frutificação.

Nas áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial, o plantio é iniciado a partir de maio.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada, visto que nesta safra devem ser cultivados cerca de 2,8 mil hectares, com estimativa de produção acima das 19 mil toneladas.

Em Pernambuco, o arroz cultivado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde é cultivado às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco, ali o plantio normalmente tem início em fevereiro e se estende até maio. Toda a área cultivada é conduzida por agricultores integrados à única empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual fornece os insumos e assistência técnica para os produtores. De acordo com as informações levantadas, neste ano está projetado um incremento na área cultivada de 25%, passando de 400 hectares na safra anterior para 500 hectares neste exercício. Em relação ao rendimento, este foi reajustado para 8.500 kg/ha, sinalizando incremento de 4,3% em comparação a 2018/19.

Na Paraíba, a média histórica registrada na última década é de 1,4 mil hectares, entretanto a impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez com que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz. As frustrações ocorridas em safras pretéritas desestimularam o avanço de novas áreas e, para esta safra, registra-se 1,1 mil hectares da cultura, com produtividade média estimada em 1.300 kg/ha.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é de diminuição na área plantada, quando comparada à última safra, ficando em 152,6 mil hectares semeados, com destaque para o Mato Grosso, detendo mais de 77% dessa área.

Em Mato Grosso, a colheita segue seu curso, e calcula-se que 69% da área já tenha sido colhida até o fechamento de abril. Excelente produtividade média tem sido registrada devido a maiores investimentos realizados na cultura, a maiores pacotes tecnológicos empregados e às condições climáticas bastante favoráveis ao longo de toda a safra. Ainda que alguma diminuição no rendimento seja observada no que diz respeito aos talhões finais da cultura, fato conside-



rado como dentro da normalidade, a produtividade média obtida é de 3.388 kg/ha, 6% maior que a temporada passada.

Em Mato Grosso do Sul, os 11,2 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já estão colhidos, com produção final aproximada de 68,9 mil toneladas, representando aumento de 11% em relação a 2018/19.

Em Goiás, o arroz irrigado é dividido em duas regiões: a primeira, abrangida por Flores de Goiás e Formosa, a colheita das lavouras está em pausa aguardando que uma nova parcela das lavouras atinja o ponto de colheita, é estimado que cerca de 50% do total foi colhido. Apesar da estimativa de pelo menos 5% de perda onde não será acessível à entrada de máquinas para realizar a colheita, o rendimento ainda é bom, cerca de 7.000 kg/ha, até o momento. A segunda, região representada exclusivamente pelo município de São Miguel do Araguaia, são 2,8 mil hectares, com a produtividade de 5.400 kg/ha, onde 100% está colhido e comercializado. No geral, a estimativa de produção do arroz irrigado no estado é de 99,6 mil toneladas. Já para o arroz de sequeiro, houve redução na área plantada, ficando em 6 mil hectares. Nesse cenário, a projeção de produção também apontou decréscimo em comparação a 2018/19, devendo fechar em 12,5 mil toneladas colhidas.

Em Minas Gerais foram destinados cerca de 2 mil hectares ao cultivo de arroz nesta safra, indicando redução de 42,9% em relação à temporada anterior. Tal diminuição está ligada ao arroz de sequeiro, que perdeu área nesse ciclo para outras culturas consideradas mais rentáveis. Além disso, as alterações no ciclo das chuvas têm desestimulado os produtores em razão dos riscos constantes. Ainda há o problema com plantio em área de preservação permanente (APP), para o arroz de várzea úmida. Predomina o cultivo de subsistência e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação. De maneira geral, as lavouras estão em fase de maturação, com perspectiva de produção de 8,9 mil toneladas.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.102,8 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta manutenção em 3 mil hectares, em relação à safra anterior.

No Paraná, o arroz de sequeiro primeira safra a colheita caminha para a finalização, atingindo 89% da área plantada, de 3 mil hectares, visto que o restante se encontra em fase de maturação. De pouca expres-

são econômica no Paraná, tratando-se de cultura de subsistência, conduzida com baixo nível tecnológico, sendo boa parte cultivada nas entrelinhas de culturas perenes, destinada principalmente ao consumo próprio. A produtividade estimada é de 2.037 kg/ha, muito semelhante à informada no sétimo levantamento, bem como à obtida na safra passada.

O arroz Irrigado primeira safra, da área de 18,8 mil hectares, 86% se encontra colhido, alcançando uma produtividade de 7.794 kg/ha, redução de apenas 2,7% em relação ao último levantamento, mas superior em 15,7% à produtividade da safra 18/19, pois o regime de chuvas foi favorável nos estádios de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo. Até o fim de abril aproximadamente 40% da produção havia sido comercializada pelos produtores.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz atingiu, na última semana de abril, em torno de 99%, e segue evoluindo bem, devendo ser encerrada nos primeiros dias de maio. Em razão da estiagem presente em todas as regiões produtoras, o produto colhido está com ótima qualidade, com altos rendimentos industriais, conforme relatado pelos engenheiros.

O déficit hídrico que se abateu sobre a cultura em algumas regiões do estado influenciou a reinfestação de plantas daninhas durante a fase de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, o que causou alguns transtornos aos produtores. No norte do estado a estiagem aumentou a incidência de cigarrinha e de *Rhizoctonia*, associadas. Segundo os técnicos da Epagri, órgão de assistência técnica de Santa Catarina, algumas áreas tiveram perdas significativas, mas de forma pontual. No sul, a estiagem provocou um fenômeno de entrada de água salina nos tabuleiros, prejudicando a cultura nas lavouras que ficam entre a BR-101 e o mar, mas a produtividade média nessa região será compensada pelas áreas mais afastadas do mar, que apresentaram altos rendimentos, já que houve altos índices de radiação solar durante o ciclo da cultura. Apesar de alguns contratemplos ao longo do ciclo, a safra de arroz deste ano deve ser positiva para os produtores, por dois fatores. Primeiramente pela própria elevação da produtividade em relação ao alcançado na safra passada, quando as condições climáticas foram mais adversas (excesso de calor na floração) e, também, pela elevação dos preços ao longo da colheita, fomentado pela alta demanda pelo produto devido à pandemia de coronavírus, o que levou muitos consumidores a estocar o alimento com medo do desabastecimento. Com isso, os estoques das indústrias reduziram, e as compras do produtor aceleraram, resultando na alta dos preços.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas



em abril permitiram um avanço significativo nas operações de colheita em todo o estado, passando de 52% da área colhida no mês anterior, para 97% no atual. A região Central, mais atingida pelo excesso de chuvas na semeadura, está com 80% da área colhida, já as demais estão todas com mais de 95% e algumas, como Fronteira Oeste e Sul, está praticamente concluída.

A situação de seca que ocorreu no estado favoreceu muito a cultura do arroz, já que houve grande parte dos dias com céu limpo, temperatura alta e noites amenas. Com isso, apesar da queda da produtividade nas lavouras mais tardias, a expectativa é de boa safra, com produtividades superando a safra passada. Apesar da seca, que em boa parte do estado chegou a durar 60 dias, não houve falta generalizada de água para as lavouras e, quando ela ocorreu, a cultura já se encaminhava para o final do ciclo, não gerando impacto significativo na produtividade. Fica, no entanto, a preocupação com a recarga das barragens para a próxima safra, já que há previsão de chuvas abaixo do normal para a entressafra.

As lavouras mais tardias, semeadas no final ou fora do período preferencial, têm reduzido a produtividade média do estado. Essas lavouras, além do potencial produtivo inicial mais baixo, também sofreram com episódios de frio na floração ou início do enchimento de grãos. No entanto, uma pequena parte foi afetada, e as condições anteriormente relatadas compensaram em produtividade. Assim, a média neste levantamento foi ajustada para 8.146 kg/ha, 4% acima do levantamento anterior e 10,4% acima da safra anterior. Ressalta-se que essa produtividade já está assegurada, mesmo que o restante das lavouras a ser colhidas apresente resultado bem abaixo do esperado. Portanto, pode ser reajustado para cima nos próximos levantamentos.

Quanto ao mercado do arroz, o dólar alto tem incentivado a indústria a exportar o produto. A prática da quarentena pela população para conter a evolução pandemia de covid-19 tem aumentado o consumo de arroz, contribuindo com o aquecimento do mercado. Com o mercado aquecido, os preços têm se mantido altos, apesar do resultado positivo na colheita.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4. FEIJÃO

O feijão faz parte do hábito alimentar do brasileiro. Tradicionalmente, o grão é consumido e produzido nos quatro cantos do país, uma vez que o volume colhido é quase que totalmente destinado ao consumo interno.

Agronomicamente, a cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de

5.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Com a primeira safra concluída, há a confirmação do incremento de produção quando comparada àquela obtida em 2018/19. Ao todo foram colhidas cerca de 1.077,3 nessa temporada, representando aumento de 8,9% em relação ao exercício anterior. As boas condi-

Feijão-comum cores

Na Região Norte, o Pará se coloca como único estado produtor nesta safra, semeando cerca de 4,3 mil hectares. A colheita está finalizada, com produção de aproximadamente 2,7 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a Bahia é o grande destaque na produção de feijão-comum cores primeira safra. Nesta temporada foram semeados 59,1 mil hectares no estado, com perspectiva de produção na ordem de 31,9 mil toneladas. As operações de colheita estão avançadas, e a previsão é que sejam encerradas até o fim de maio.

Na Região Centro-Oeste foram semeados 52,1 mil hectares com a cultura nesta primeira safra, distribuídos entre as quatro Unidades da Federação. A colheita foi encerrada, alcançando produção de 112,6 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a colheita foi encerrada para o feijão-comum cores primeira safra. A área plantada nesta temporada atingiu 2,2 mil hectares, com uma produção de 4,7 mil toneladas. Mesmo com os bons preços do feijão, a opção pela cultura na primeira safra é preterida à da soja, cultura que apresenta excelente rentabilidade e facilidade de comercialização.

Em Goiás, os 39,5 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nessa primeira safra estão totalmente colhidos. Foram produzidas cerca de 83 mil toneladas, apresentando um pequeno incremento

primeira safra (semeado entre agosto e dezembro), o de segunda safra (cultivado entre janeiro e abril) e o de terceira safra (semeado de maio a julho).

O feijão primeira safra está totalmente colhido, com uma produção de 1.077,3 mil toneladas em uma área cultivada de aproximadamente 926,6 mil hectares. Já o feijão segunda safra, as operações de colheita estão em andamento, nos mais de 1.406,4 mil hectares semeados em todo país, com estimativa de produção na ordem de 1.236,4 mil toneladas. Também há, nesse momento, o início da implantação das lavouras de terceira safra, com previsão de destinação de mais de 589,5 mil hectares, distribuídos nas cinco regiões brasileiras.

ções climáticas registradas na maior parte das regiões produtoras impulsionaram o rendimento médio da cultura, assim como um pequeno acréscimo na área plantada, ambos favorecendo esse resultado positivo.

de 0,6% em relação ao volume colhido na temporada passada.

No Distrito Federal, as lavouras já foram colhidas, e o resultado apresentado foi superior aquele obtido na safra anterior, principalmente em razão do aumento de área plantada registrado em 2019/20. De maneira geral, a produção alcançou 23,8 mil toneladas, representando incremento de 6,3% em comparação a 2018/19.

Na Região Sudeste foram semeados cerca de 186,1 mil hectares, com destaque especial para Minas Gerais e São Paulo. A produção total da região foi de 293,2 mil toneladas com o feijão-comum cores nessa primeira safra.

Em Minas Gerais, a área destinada à cultura foi de 131,4 mil hectares, simbolizando acréscimo de 4,9% em comparação ao exercício anterior. Da mesma forma, a produtividade média do estado foi superior àquela registrada em 2018/19, ficando em 1.336 kg/ha. Isso gerou uma produção de 175,6 mil toneladas, perfazendo a maior produção entre os estados brasileiros do feijão-comum cores nesta primeira safra.

Na Região Sul houve diminuição na área plantada em comparação a 2018/19 em razão, principalmente, das condições climáticas desfavoráveis registradas à época do plantio. Foram semeados 74,3 mil hectares



na região, obtendo uma produção total de 143,3 mil toneladas.

No Paraná, a colheita está finalizada, com uma produção de 92,1 mil toneladas, representando incremento de 12,6% em relação à temporada passada, mesmo com redução de área plantada.

Em Santa Catarina, a safra caracterizou-se por chuvas em volumes inferiores à média e mal distribuídas durante o ciclo da cultura. Um veranico na última semana de dezembro de 2019 e outro na primeira quinzena de janeiro de 2020 favoreceram a colheita nas áreas semeadas em setembro e outubro (18% do total). Já aquelas semeadas em novembro e dezembro de 2019, padrão nos campos de altitude, foram

prejudicadas por terem o suprimento de água restringido no momento em que as plantas mais necessitavam. Devido ao clima mais seco, o controle de doenças foi facilitado, e o controle de pragas foi feito dentro do recomendado para a condução da cultura. No geral, a qualidade do produto colhido foi considerada muito boa. A produção total fechou em 33,2 mil toneladas, sendo 14,7% menor que a safra 2018/19.

No Rio Grande do Sul, a cultura foi bastante afetada pela seca ocorrida ao longo do ciclo. A produtividade média, que na temporada anterior ficou em torno de 2.700 kg/ha, caiu para 1.800 kg/ha nesta safra, representando redução de 33,3%. Nesse cenário, a produção final foi de 18 mil toneladas.

Feijão-comum preto

No Distrito Federal foram semeados 900 hectares com o feijão-comum preto nessa primeira safra, apresentando diminuição de 10% em comparação ao ano passado. A maior produtividade em relação à safra anterior, 2.000 Kg/ha, contra 1.900 kg/ha, não foi suficiente para compensar a produção anterior, totalizando na atual 1,8 mil toneladas.

Em Minas Gerais foram semeados 8,7 mil hectares de feijão-comum preto, representando incremento de 6,1% em relação a 2018/19. Tal acréscimo impulsionou o resultado da colheita, que alcançou cerca de 7,6 mil toneladas, também demonstrando aumento em comparação à temporada passada, que fechou com 7,1 mil toneladas colhidas.

No Paraná, a produção do feijão-comum preto foi 35,1% superior à safra passada, chegando a 227,2 mil toneladas. As condições climáticas foram favoráveis à cultura ao longo do ciclo e isso impactou diretamente no rendimento médio das lavouras, que foi de 2.133 kg/ha, sim-

bolizando aumento de 40,6% em comparação a 2018/19.

Em Santa Catarina, a colheita está finalizada nos 17,4 mil hectares semeados com a cultura na primeira safra. Mesmo em meio à redução de área, houve incremento importante no rendimento médio, se comparado à 2018/19, perfazendo assim uma produção de 37,4 mil toneladas, sendo 3,3% superior que na temporada passada.

No Rio Grande do Sul, a colheita do feijão-comum preto nesta primeira safra está encerrada, alcançando produção de 36,9 mil toneladas (valor 9,3% inferior a 2018/19). De maneira geral, as lavouras do Planalto Médio e Alto Uruguai tiveram melhor rendimento médio, por serem semeadas mais precocemente, minimizando as perdas ocorridas pela estiagem registrada a partir de janeiro de 2020. Já as lavouras mais tardias, que coincidiram suas fases de desenvolvimento mais importantes com a seca, tiveram severas perdas. Ao todo, o rendimento médio estadual ficou em 1.375 kg/ha, sendo 9,5% menor que na temporada anterior.

Feijão-caupi

Na Bahia, as lavouras localizadas no extremo-oeste, que foram semeadas em novembro de 2019, já estão totalmente colhidas. Já as lavouras no centro-norte e centro-sul do estado foram semeadas em janeiro e fevereiro de 2020, devido ao atraso na chegada das chuvas e ainda não foram totalmente colhidas. De maneira geral, a previsão é que até o fim de maio sejam encerradas as operações, com obtenção de aproximadamente 65,8 mil toneladas do grão, indicando aumento de 9,7% em relação à temporada anterior, especialmente em razão das melhores condições climáticas registradas nas fases mais importantes do ciclo, que impulsionaram a produtividade média.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi está encerrada. A área plantada foi de 6,3 mil hectares, e a produção total ficou em 7 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área destinada ao feijão-caupi nessa primeira safra foi 4,8% superior àquela apresentada na temporada passada, alcançando 17,3 mil hectares. Tal incremento potencializou o resultado da produção, e ao final do ciclo foram colhidas 9,5 mil toneladas do grão, representando aumento de 5,6% quando comparada ao volume obtido em 2018/19.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A safra está em andamento, com algumas regiões intensificando as operações de colheita, outras ainda apresentando lavouras em desenvolvimento, mas, no geral, a estimativa aponta para a produção de 1.236,4

mil toneladas em uma área total de 1.406,4 mil hectares. Esses valores representam redução de 0,8% e 4,9%, respectivamente, quando comparados aos números apresentados na safra 2018/19.

Feijão-comum cores

Na Região Norte, a área destinada ao plantio da cultura sofreu redução em comparação à temporada passada, principalmente em razão da ausência de cultivo em Tocantins. Ao todo foram 10,6 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, distribuídos entre Rondônia, Acre e Amapá. Já a previsão de produção é na ordem de 8,8 mil toneladas.

Em Goiás, a colheita está em andamento e há um indicativo de redução do rendimento médio da cultura em razão dos baixos índices pluviométricos ao longo do ciclo, especialmente na região sudoeste do estado. De maneira geral, foram cultivados cerca de 25 mil hectares, com estimativa de produção na ordem de 50 mil toneladas.

Em Rondônia, os 5,3 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nesse período são manejados em condição de sequeiro, com nível de mecanização mais baixo e caracterizado por uma produção a nível familiar. Cerca de 25% das lavouras estão em estágio de maturação, 60% em fase de frutificação e 15% em floração. Espera-se que a colheita se inicie a partir de junho, com expectativa de produção na ordem de 5,4 mil toneladas.

No Distrito Federal, as condições apresentadas, até o momento, têm sido favoráveis ao desenvolvimento da cultura e a produtividade média estimada está em 2.200 kg/ha, sinalizando aumento de 4,8% em comparação ao exercício anterior. Foram 900 hectares semeados, devendo perfazer uma produção de 2 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a Bahia se destaca na produção do grão nessa segunda safra. A estimativa para esse ciclo é que sejam semeados 11 mil hectares, manejados sob pivô central, com previsão de produção na ordem de 29,7 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais é o grande destaque na produção do feijão-comum cores segunda safra. Foram cerca de 122,8 mil hectares plantados no estado e as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento. As áreas semeadas mais cedo estão na iminência da colheita, com previsão de início a partir da segunda quinzena de maio. De modo geral, a produção está estimada em 160,7 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste foram destinados cerca de 87,9 mil hectares à semeadura do feijão-comum cores nessa segunda safra, indicando diminuição de 13% em comparação ao exercício anterior. As condições climáticas, até o momento, são consideradas adequadas ao desenvolvimento da cultura e, dessa forma, a estimativa de produtividade média segue superior àquela apresentada no exercício anterior.

Em São Paulo, a colheita do feijão-comum cores nessa segunda safra está em andamento nos 17,3 mil hectares semeados. A produção está estimada em 34,9 mil toneladas do grão, resultado que seria 3,3% inferior às 36,1 mil toneladas colhidas no estado na temporada anterior.

Em Mato Grosso, as lavouras estão, majoritariamente, em estágio reprodutivo, especificamente nas fases de maturação e enchimento de grãos, com boas condições de desenvolvimento, até o momento. A produtividade média indicada está em 1.697 kg/ha, 12,5% superior àquela obtida no ciclo passado. Por outro lado, a área plantada demonstrou redução de 28,8%, ficando em 41 mil hectares. A preferência de alguns produtores na destinação de área para o cultivo de culturas consideradas mais rentáveis, como o milho, foi fator importante para tal variação. No geral, a perspectiva de produção é na ordem de 69,6 mil toneladas de feijão-comum cores, representando diminuição de 19,9% em relação à temporada passada.

Na Região Sul, o Paraná apresentou redução na área plantada em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da competição com o cultivo de outros grãos mais rentáveis, bem como a estiagem registrada entre fevereiro e março, dificultando o plantio dentro da sua janela ideal. Ainda assim, foram semeados 112,8 mil hectares no estado. As lavouras sentiram a escassez de chuvas já mencionada, e as produtividades médias verificadas nas primeiras áreas colhidas apontam redução em comparação a 2018/19. Até o fim de abril cerca de 14% da área foi colhida, e as lavouras remanescentes estão majoritariamente em fase de frutificação e maturação. De modo geral, a expectativa de produção está em 163,4 mil toneladas colhidas, 16,8% inferior àquela obtida em 2018/19.



Em Santa Catarina houve destinação de 3,3 mil hectares ao cultivo do feijão-comum cores. As condições climáticas oscilaram bastante ao longo do ciclo e isso impactou nos rendimentos médios apresentados. A

colheita está em andamento, atingindo cerca de 44% no fim de abril. A previsão de produção é na ordem de 5 mil toneladas.

Feijão-comum preto

A Região Sul é responsável por mais de 92% da área plantada com o feijão-comum preto nessa segunda safra. O Paraná é o grande produtor, com mais de 102 mil hectares semeados. No início da implantação das lavouras existiam condições que permitiram um bom desenvolvimento das plantas, porém a falta de precipitações registradas entre fevereiro e março pode afetar todo o potencial produtivo da cultura.

Em Santa Catarina foram semeados 19,8 mil hectares com a cultura nessa segunda safra. As condições climáticas oscilaram bastante ao longo do ciclo, interferindo no potencial produtivo. Até o momento, o rendimento médio estimado está abaixo daquele alcançado em 2018/19, mas a qualidade do produto colhido tem sido boa, ainda que o grão seja pequeno por falta de água no momento da granação. Algumas áreas no planalto norte foram atingidas por geada nas fases de granação e maturação, prejudi-

cando a qualidade e a produtividade de forma pontual. De maneira geral, a produção estimada está em 29,2 mil toneladas, 11,9% superior à temporada passada.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas foram desfavoráveis ao desenvolvimento da cultura ao longo do ciclo. Os baixos ou ausentes níveis pluviométricos registrados em muitas das regiões produtoras impactaram as lavouras em suas fases mais críticas de evolução, fazendo com que o rendimento médio fosse prejudicado. Cerca de 23% dos 16,3 mil hectares plantados com a cultura no estado estão colhidos, e a amostragem sinaliza perdas no potencial produtivo. Algumas áreas, no entanto, minimizaram tais efeitos por serem irrigadas (regiões do Planalto Médio e Alto Uruguai). A estimativa atual é de produção na ordem de 20,2 mil toneladas, sinalizando diminuição de 26% em comparação a 2018/19.

Feijão-caupi

Na Região Norte, Tocantins apresenta maior relevância na produção. Neste ciclo foram semeados 26,6 mil hectares, e a maioria das lavouras se encontram em fase vegetativa e pré-florescimento, apresentando boas condições de desenvolvimento e favorecidas pelas precipitações regulares que ocorreram desde o período do plantio.

Figura 6 - Feijão-Caupi, em Aparecida do Rio Negro - TO



Fonte: Conab

Na Região Nordeste, o feijão-caupi tem grande importância, principalmente por apresentar alta demanda consumidora. O grão faz parte do hábito alimentar de seus habitantes e isso impacta na expressiva destina-

ção de área que a região apresenta, em comparação as demais regiões brasileiras. Nessa segunda safra, por exemplo, a estimativa é de 694 mil hectares plantados com a cultura, representando mais de 81% da área nacional. O Ceará é o grande destaque, com cultivo de mais de 384,3 mil hectares e uma projeção de produção na ordem de 129,1 mil toneladas. Pernambuco também destina uma área expressiva para o cultivo do grão. São cerca de 107,3 mil hectares previstos nesse ciclo, com uma produção que deve chegar a 40,2 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás são os principais produtores. O primeiro destinou cerca de 115,2 mil hectares ao plantio do feijão-caupi nesse período. Tal área representa redução de 7% em comparação a 2018/19 em razão da maior competição com as culturas de milho, algodão e gergelim. As lavouras estão em boas condições, e a perspectiva de produção é na ordem de 134,1 mil toneladas. Já em Goiás, foram semeados cerca de 15 mil hectares, representando incremento de 25% em comparação à área plantada na temporada anterior. A maior resistência que a cultura apresenta ao déficit hídrico favorece seu cultivo, mesmo em condições de menor índice pluviométrico. As lavouras se encontram predominantemente em estágio de desenvolvimento



vegetativo (o plantio foi mais atrasado nesse ano em comparação à média histórica), com boa sanidade e

perspectiva de rendimento médio superior àquele registrado em 2018/19.

Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
MA	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
MT	Norte Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Nordeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
GO	Noroeste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Mineira		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Vale do Rio Doce		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Oeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Zona da Mata		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
ES	Central Espírito-Santense		P/G	DV	DV/F	M/C	C						
SP	Campinas		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Assis		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Sul Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



5.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Aproveitando-se da demanda contínua que o feijão possui no hábito alimentar dos brasileiros, bem como o seu ciclo de desenvolvimento mais reduzido em comparação a outras culturas, como soja e milho, há um escalonamento da produção do grão ao longo do ano-safra, gerando assim três períodos

Feijão-comum cores

Mais de 86% da área destinada ao plantio de feijão nessa terceira safra deve ser semeada com o feijão-comum cores. A estimativa é que sejam direcionados cerca de 511,4 mil hectares para tal cultivo, gerando uma projeção de produção na ordem de 691,6 mil toneladas.

Na Região Norte, a produção deve ficar limitada a Tocantins, com o plantio de 1,7 mil hectares.

Na Região Nordeste há uma grande destinação de área para o plantio do feijão-comum cores na terceira safra. O regime pluviométrico de algumas localidades da região favorece tal cultivo, além da utilização da irrigação em boa parte dessas lavouras. De maneira geral, são esperados cerca de 310,9 mil hectares semeados com a cultura nesse período, com maior destaque para a produção na Bahia e em Pernambuco.

Na Bahia, estima-se que mais de 50% dos 200 mil hectares destinados ao plantio do feijão-comum cores nessa terceira safra já estejam semeados. A região nordeste do estado é a que concentra maior parte dessa área, com participação, especialmente, de pequenos e médios produtores, onde 67,9% da área tem a finalidade de subsistência e os outros 32,1% possui finalidade comercial. Existe uma previsão otimista em relação às condições climáticas, gerando perspectiva de boa produção.

Em Pernambuco, a cultura é comumente semeada na

Feijão-comum preto

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concen-

Feijão caupi

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. A perspectiva inicial é que

distintos para o plantio e colheita do feijão. Nesse momento, algumas regiões produtoras estão implantando suas lavouras, e a expectativa geral é que sejam semeados mais de 589 mil hectares nesse período, chamado de terceira safra, com projeção de produção na ordem de 734,8 mil toneladas.

mesorregião do Agreste, com as operações de plantio ocorrendo entre abril e junho. No geral, o comportamento das chuvas tem sido dentro da normalidade para a localidade, e, até o momento, cerca de 22% dos 84,3 mil hectares previstos para o cultivo do feijão-comum cores já foi plantado.

Na Região Centro-Oeste são esperados cerca de 112,7 mil hectares cultivados com o feijão-comum cores nesse período, distribuídos entre Mato Grosso, Minas Gerais e Distrito Federal.

Em Mato Grosso, o feijão-comum cores na terceira safra é cultivado em manejo irrigado, apresentando boas produtividades médias, no geral. Com a perspectiva de bons preços pagos pelo produto, a expectativa é que haja incremento de área, saltando para 54,4 mil hectares semeados nesse ciclo, contra 46,2 mil hectares plantados na temporada anterior. As primeiras estimativas apontam para uma produção de 124,6 mil toneladas.

Em Goiás, o plantio está em fase inicial, com implantação de lavouras irrigadas, especialmente na região de Cristalina, que é a principal região produtora do estado. A previsão é que as operações de semeadura perdurem até junho, e que sejam cultivados, ao todo, cerca de 55 mil hectares.

tração em Pernambuco, que, até o momento, está estimada em 10,7 mil hectares. De modo geral, a projeção é que sejam produzidas 7,1 mil toneladas do grão nesse ciclo.

sejam destinados, ao todo, cerca de 67 mil hectares para o plantio da cultura, com estimativa de produção na ordem de 36 mil toneladas.



5.1.5. GERGELIM

A área do gergelim no país é estimada em 160 mil hectares, que deverá apresentar um aumento de 201,9% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Em Mato Grosso, grande expansão de área foi registrada para o gergelim que, em apenas um ano, saltou de 53 mil hectares para 157 mil hectares em 2019/20, ou seja, praticamente triplicou. A cultura apresentou excelente adaptabilidade ao clima de Mato Grosso na segunda safra, bastante resistente à estiagem característica do estado nesta época. Além disso, a excelen-

5.1.6. GIRASSOL

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, com os trabalhos de plantio encerrados em março, as lavouras se encontram em estágio reprodutivo em sua totalidade, no qual a etapa de enchimento de grãos é a predominante. A cultura perdeu muito espaço nesta temporada, tendo em vista a concorrência, no momento da opção pela cultura, com o milho e o algodão segunda safra, que apresentavam maior rentabilidade e maior difusão e facilidade na comercialização.

Estima-se retração de área de 33,7% neste ciclo, de 38 mil hectares, plantados em 2018/19, para 25,2 mil hectares. O desenvolvimento das lavouras tem sido excelente no Médio-Norte, porém o alerta está aceso para a região oeste, onde se concentra a maior parte das áreas e que vislumbra a possibilidade de eventuais perdas.

5.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 45,7 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior equivalem à retração de 1,9%.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se retração de área para o Nordeste em 1,1%, e a produção cerca de 31,2 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de mamona são cultivadas na região centro-norte do estado, manejadas por pequenos produtores, majoritariamente em regime de sequeiro, com algumas poucas experiências de irrigação.

Nesta safra estima-se o cultivo de 42,9 mil hectares, visto que 50% destas lavouras são remanescentes da safra passada (soca) e outros 50% foram semeadas

te rentabilidade associada à cultura atraiu agricultores entrantes e o gergelim, antes restrito ao Vale do Araguaia e especialmente à Canarana, expandiu-se para o estado inteiro.

O desenvolvimento das lavouras tem sido positivo, e o estágio predominante é o reprodutivo. Calcula-se produtividade média de 799 kg/ha, que deverá resultar em 125,4 mil toneladas de gergelim, ante 41,3 mil toneladas colhidas na safra passada, visto que tais trabalhos se concentrarão em junho e julho.

Até o momento não se pode quantificar se haverá danos e em que magnitude, e as próximas semanas serão importantes para melhor delimitação da produtividade média estadual. Ainda que o rendimento de 1.800 kg/ha seja observado em certas localidades, projeta-se 1.563 kg/ha de média estadual para Mato Grosso. Calcula-se que a comercialização estadual seja de 93,4%, com a maior parte da safra negociada antecipadamente.

Em Goiás, mais de 20% das áreas de girassol estão entrando na fase reprodutiva. No sudoeste do estado, parte das lavouras é destinada à produção de óleo e outra parte é para ração. Estima-se que por volta de 80% da produção total de girassol se encontra comercializada. Ajuste na área de girassol para 19,6 mil hectares, com estimativa de produtividade reduzida este ano para 1.600 kg/ha.

Boa parte do girassol em Goiás destina-se para produção de óleo e ração de pássaros em uma indústria situada no extremo-sul do estado.

em janeiro e fevereiro.

As lavouras se apresentam em fase de enchimento de grãos e maturação, com colheita prevista para maio, com expectativa de produzir 30,9 mil toneladas. As lavouras se apresentam com ótimo vigor, as chuvas favoreceram o desenvolvimento e a recuperação das socas da safra passada. A produção é comercializada para o mercado atacadista, que destina a mamona para as indústrias de processamento.

Em Mato Grosso, a mamona se restringe a apenas 2,1 mil hectares para a safra 2019/20, após recuar em relação ao último ciclo, em que 2,5 mil hectares foram alocados à cultura.

A mamona foi visualizada como potencial opção de



segunda safra em Mato Grosso, para maior expansão de área devido a sua adaptabilidade e seus benefícios agrônômicos como um todo. No entanto, ainda não houve tal difusão, preterida na segunda safra, ao milho, ao algodão e ao gergelim.

5.1.8. MILHO

5.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra, a maior procura pelo cereal, relacionada ao aumento das exportações, uso na produção de etanol e no aumento do confinamento, entre outras razões, estimulou o aumento na área plantada para o período de verão em 2,9%. A produção, em virtude dos graves problemas climáticos ocorridos especialmente na Região Sul, teve seus quantitativos reduzidos em 1,5%, quando comparada com a temporada passada, saindo de 25,6 milhões de toneladas na temporada 2018/19 para 25,2 milhões de toneladas na atual.

Na Região Norte-Nordeste, as expectativas estabelecidas para a cultura estimularam fortemente o plantio, com incremento na área atingindo 9,6% em relação ao ano passado, ocupando uma área de 1.313,7 mil hectares, contra 1.198,3 mil hectares da safra passada. A produção atingiu 5.570,8 mil toneladas, representando aumento de 20,9% em relação ao exercício passado.

No Pará, as estatísticas para a área de milho plantado na primeira safra apresentaram incremento de 3,9% em relação ao ano anterior, passando de 152,1 mil hectares para 158 mil hectares nesta safra. Apesar de alguns problemas com o clima, a produção atingiu 455 mil toneladas, incremento de 2,3% em relação à safra passada.

Em Tocantins, as chuvas frequentes em março foram responsáveis pelos problemas observados na colheita. As grandes áreas do cereal, em sua maioria, foram colhidas em abril, após o término da colheita da soja. As lavouras apresentaram excelente potencial produtivo e incremento na área de 11% em relação ao exercício passado, com uma produção correspondente a 260 mil toneladas, incremento de 29,4% em relação à safra anterior.

No Maranhão, a área plantada apresentou acréscimo de 23,5%, saindo de 218,6 mil hectares no ano passado, para 270 mil, nesta safra. A produção resultante atingiu 1.209,6 mil toneladas, representando incremento de 22,4% em relação ao ano passado.

No Piauí, parte das áreas de soja migraram para o milho. Por essa razão, a área da safra atual atingiu 429,1 mil hectares, representando aumento de 14,8% em re-

lação à safra passada. Seu plantio foi finalizado em março, e as lavouras se encontram parte em fase de desenvolvimento vegetativo e parte em reprodutivo, com produtividade média projetada em 912 kg/ha, que deverá resultar em produção de 1,9 mil toneladas.

lação à safra passada. O período de colheita teve início no final de abril, com uma produção estimada em 1.934 mil toneladas, incremento de 30,5% em relação à safra passada.

Na Bahia, as lavouras de milho de primeira safra ocuparam área de 361,5 mil hectares, que foi mantida em relação à safra passada. A produção está estimada em 1.572,2 mil toneladas, representando aumento de 15,8% em relação à da safra passada, tendo a colheita sido iniciada em meados de abril.

Na Região Centro-Oeste ocorreu importante incremento no plantio, com a área cultivada apresentando elevação de 3,6% em relação ao plantio anterior, cultivando nesta safra 357,3 mil hectares, contra 345 mil, no exercício passado. A produção atingiu 2.914 mil toneladas, 10,4% de incremento em relação à do ano passado.

Em Mato Grosso, devido à excelente lucratividade da soja de verão, a opção de plantar milho se concentra na segunda safra. O milho plantado na primeira safra atingiu uma área de 41,2 mil hectares, 10,5% maior que os 37,3 mil hectares plantados na safra passada, com uma produção de 341,1 mil toneladas, 30,3% de incremento em relação ao ano passado.

Em Goiás, o milho teve sua colheita iniciada em abril, com uma produção atingindo 2.218,4 mil toneladas, representando incremento de 10,7% em relação à safra anterior. As boas perspectivas para a produtividade foram confirmadas, atingindo 7.980 kg/ha, incremento de 5,6% em relação ao observado no ano anterior.

Na Região Sudeste, observou-se redução na área plantada em relação ao período anterior, estimada em 3,7%, atingindo 1.071,4 mil hectares, contra 1.113 mil hectares plantados na temporada passada, gerando produção de 6.524 mil toneladas, redução de 0,9% se comparada com a safra anterior.

Em Minas Gerais, apesar das variações climáticas durante o período de desenvolvimento das lavouras, considera-se que o produto colhido apresentou excelentes níveis de qualidade e produtividade. A pro-



produtividade média estadual superou as expectativas, com incremento de 4,7% em relação à safra passada, alcançando 6.426 kg/ha e gerando uma produção de 4.619,7 mil toneladas.

Em São Paulo, as condições climáticas observadas no desenvolvimento das lavouras plantadas no período de verão, aliadas à forte redução na área plantada contribuíram para que a produção paulista atingisse 1.867,4 mil toneladas, redução de 4,3% em relação ao ano passado.

Na Região Sul, a área plantada com o cereal experimentou aumento de 2,2% em relação à safra passada. No entanto, a instabilidade do clima impactou fortemente o desempenho das lavouras, com a produção atingindo 10.243,6 mil toneladas, redução de 13,3% se comparada ao exercício passado.

No Paraná, o ano foi excepcionalmente bom para a cultura do milho de primeira safra. A produtividade média obtida foi a maior da história. Há relatos de casos pontuais de rendimento acima de 16 t/ha. O bom

volume de chuvas na fase reprodutiva fez com que a produção atingisse 3.509,1 mil toneladas, representando incremento de 10,7% em relação ao ano passado.

Em Santa Catarina, a produtividade média alcançada mostrou que as estiagens ocorridas ao longo do ciclo da cultura causaram comprometimento às lavouras. Na média, ocorreu redução de 2,9%, saindo de 8.580 kg/ha na safra passada para 8.330 kg/ha, na atual. A produção em decorrência disso atingiu 2.798,9 mil toneladas, representando queda de 2,6% em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul, a despeito do incremento do plantio em relação à safra passada, as perdas provocadas pelo clima, agravaram-se em março. A seca que assolou o estado não permitiu que as lavouras se recuperassem, proporcionando perdas superiores a 30% em relação à produção ocorrida no ano passado. Mesmo em locais com irrigação, houve grandes comprometimentos devido às altas temperaturas verificadas nesse verão.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
CE	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
RN	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				C		
PB	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				C		
PE	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
BA	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
					P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



5.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A conjuntura para a segunda safra de milho nesta temporada apresentou, sob todos os aspectos, um quadro bastante favorável, representado pelas boas expectativas trazidas pelo cenário internacional, especialmente diante da recente participação do país nas exportações mundiais e no incremento do interesse externo por proteína animal, reforçando a necessidade na produção de maiores quantitativos do cereal, tudo isso acrescido pela forte valorização do dólar, que contribuiu para que o real fosse uma das moedas mais afetadas dentre os países considerados grandes atores do agronegócio mundial. Internamente, a opção pela produção de etanol a partir do cereal, com expectativa no início ano de aquisições nesta temporada em torno de 7 milhões de toneladas, fechava um círculo virtuoso de expectativas para o milho, produzido na segunda safra. Com efeito, as intenções de plantio apresentaram fortes incrementos em todas as regiões onde a lavoura foi semeada. Para o presente exercício está estimado um aumento na área plantada de 7% em relação ao ano passado, atingindo 13.783 mil hectares. De uma maneira geral, não houve relatos de graves interferências por conta de paralisação das atividades em virtude da pandemia do coronavírus. Assim, os fornecedores continuaram trabalhando, tanto no fornecimento de insumos quanto no recebimento de grãos. Além disso, até o surgimento das restrições causadas pelo surto, a maior parte dos insumos para a cultura já havia sido entregue e, atualmente, percebe-se a adoção de determinados procedimentos, como o agendamento na retirada dos produtos que os agricultores necessitam para suas operações de manejo.

Na Região Norte, a área plantada nessa temporada está prevista apresentar forte incremento de 10,1%, comparando-se ao ano anterior, atingindo 530,2 mil hectares.

Em Rondônia, a área cultivada nesta safra evoluiu 4%, saindo de 178,8 mil hectares na safra 2018/19, para 186 mil hectares na atual. A semeadura do milho segunda safra teve início em janeiro, logo após a colheita da soja. 100% da área já foi semeada. Com a boa umidade do solo, uma vez que as chuvas ainda estão acontecendo, as lavouras estão se desenvolvendo normalmente, e o estágio atual da cultura se apresenta com 5% em desenvolvimento vegetativo, 15% em floração e 80% em frutificação.

Em Tocantins, a estimativa é de um aumento de 18,7% na área semeada, atingindo 239,7 mil hectares. Os ótimos preços praticados no mercado, além das perspectivas de prolongamento do período chuvoso,

animaram os agricultores a aumentarem suas áreas e também o grau de tecnologia. Grande parte da área foi semeada dentro da janela ideal de plantio, mas aproximadamente 20% se encontra fora dela. Cerca de 80% das lavouras estão em fase reprodutiva e maturação, assim, com o potencial produtivo definido e fora de risco de quebra acentuada. Por outro lado, as áreas que ainda estão em fase vegetativa entraram em alerta com a paralisação das chuvas nas duas últimas semanas.

Figura 7 - Milho em estágio reprodutivo, em Butirana-TO



Fonte: Conab

Na Região Nordeste ocorrerá forte incremento percentual na área plantada, 5,2% em relação à safra passada. O plantio neste exercício está previsto atingir 1.110,2 mil hectares.

No Maranhão, em razão da redução na janela de plantio, a área plantada desse cereal foi estimada em 182,6 mil hectares, 5% menor que o registrado na safra 2018/19, que atingiu 192,2 mil hectares. A perspectiva de melhoria no quadro climático sugere um aumento na produtividade média, estimada em 4.541 kg/ha, representando incremento de 8,5% em relação à safra passada.

No Piauí, o milho da segunda safra apresentou forte redução na área em relação à safra anterior, estimada agora em 43,2 mil hectares. Essa redução foi justificada pelas irregularidades climáticas no início do calendário agrícola e o consequente atraso no plantio da soja. Com isso, a janela para o plantio ficou bastante comprimida, e os produtores optaram por não correr maiores riscos, deixando de plantar fora da janela ideal. O plantio teve início no final de fevereiro, encerrando em março. A cultura se encontra com 70% no desenvolvimento vegetativo e 30% reprodutivo, apresentando boas condições de desenvolvimento devido aos índices pluviométricos terem sido favoráveis desde a implantação da lavoura.



Figura 8 - Lavoura de milho, em Baixa Grande do Ribeiro - PI



Fonte: Conab

Na Região Centro Oeste, principal produtora do cereal no país, a área plantada apresentou incremento de 8,7%, atingindo 8.888,1 mil hectares, contra 8.179,2 mil hectares, do ano passado.

Em Mato Grosso, com a semeadura encerrada em março, as lavouras se encontram predominantemente em estágio reprodutivo e uma menor parcela ainda em desenvolvimento vegetativo devido ao uso de variedades de ciclo mais tardio e também por áreas semeadas em momento posterior. As condições das lavouras são positivas, ainda que exista atenção quanto ao clima em determinadas regiões, cujo volume das precipitações pluviométricas tem ficado abaixo da média, especialmente nas regiões sul, sudeste e oeste do estado. É importante destacar que a maior parte das lavouras já se encontram a salvo devido a sua semeadura majoritariamente dentro da janela ideal, visto que a incidência de estresse hídrico passou a ocorrer no momento de enchimento de grãos, principalmente. Caso ocorra a persistência da estiagem nas próximas semanas em algumas regiões poderá haver alguma redução na produtividade, porém com efeitos bastante moderados. A produtividade da safra, projetado em 6.312 kg/ha, é 1% inferior aos 6.376 kg/ha obtidos no ciclo passado. A área planta-

da apresentou incremento de 11,2%, saindo de 4.869,1 mil hectares plantados em 2018/19, para 5.414,4 mil hectares, neste ciclo.

Figura 9 - Milho em enchimento de grãos



Fonte: Conab

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa para essa safra é de 1,84 milhão de hectares, e o plantio já foi realizado. Estima-se que aproximadamente 25% das áreas foram semeadas fora do zoneamento, e os produtores estão receosos em assumir compromissos diante dos problemas climáticos e das baixas precipitações. Na primeira semana de maio completou mais de 20 dias sem chuvas no estado. Em todas as regiões produtoras, a cultura está sofrendo ou sofreu com o estresse hídrico ocorrido em março e abril. Essa, inclusive, é uma das razões para a grande variabilidade das lavouras no estado, que vão desde desenvolvimento vegetativo até enchimento de grãos. Estima-se que 35% das lavouras estejam em desenvolvimento vegetativo, 55% em florescimento/embonecamento e 10% em enchimento de grãos. Com o estresse hídrico e o plantio da maioria das lavouras com cultivares precoces e super precoces, as lavouras estão avançando rapidamente para os estádios reprodutivos. Em abril ocorreram chuvas de granizo nos municípios que fazem divisa com o Paraguai. A principal praga do momento na cultura é o pulgão, que está exigindo pulverização na fase de pré-pendoamento, geralmente feita junto com o fungicida.



Figura 10 - Milho em desenvolvimento vegetativo, em Dourados-MS



Fonte: Conab

Em Goiás, cerca de 90% das lavouras situadas na região leste do estado se encontram na fase de pendramento, e a parte plantada fora da janela de plantio está em fase de desenvolvimento vegetativo. As lavouras apresentam ótima sanidade, e a expectativa de rendimento é cerca de 6.600 kg/ha. No sudoeste do estado mais de 55% da cultura está em fase de maturação e, a umidade presente no solo, conservada em grande parte pela prática do plantio direto, ainda tem sido suficiente para manter a boa expectativa de produtividade na maioria dos municípios. Muitos relatos dão conta que será necessário a ocorrência de mais algumas chuvas para que essa boa expectativa se confirme, o que vem preocupando os produtores, uma vez que a previsão na maioria das regiões é que não ocorra chuva nos próximos dias. O milho plantado mais cedo, dentro da janela ideal, nas fases de enchimento de grão e maturação (aproximadamente 60% das áreas) se encontra “salvo” e pode-se esperar boas produtividades.

A preocupação hoje se volta principalmente para o milho mais novo, cerca de 40% da área levantada no sudoeste goiano, plantado fora da janela ideal de plantio e que se encontra hoje nas fases de desenvolvimento vegetativo e apendoamento, e a escassez de chuvas durante as últimas semanas. Foi constatado durante os levantamentos um incremento de área na ordem de 13% em relação à safra anterior, atingindo 1.595,6 mil hectares em decorrência dos bons preços praticados e da demanda aquecida na época do plantio.

Figura 11 - Milho em enchimento de grãos, em Mimoso de Goiás - GO



Fonte: Conab

No Distrito Federal, as lavouras de segunda safra se encontram em desenvolvimento vegetativo, e estão sendo beneficiadas pelas condições climáticas. A área semeada foi semelhante à cultivada na safra anterior, 38,1 mil hectares.

Em Minas Gerais houve atraso no plantio das lavouras de milho em razão também do atraso da colheita das lavouras de verão, especialmente da soja. Estima-se que a colheita do cereal deverá iniciar em julho, e a expectativa é de uma produtividade de 6.735 kg/ha. As lavouras apresentam-se em excelentes condições e na fase de desenvolvimento vegetativo. Em razão das dificuldades de locomoção neste período de quarentena, estima-se, inicialmente, um aumento na área de plantio de 12,6% em relação à safra anterior em razão dos preços atrativos do produto. Avalia-se que o milho foi a melhor opção de plantio, em detrimento das lavouras de sorgo e trigo.

Em São Paulo, a soja colhida transfere a área, praticamente na sua totalidade, para o plantio do milho segunda safra, estimulado pelas excelentes condições de comercialização na temporada. Um fato relevante foi a parceria entre os produtores paulistas e as multinacionais que comercializam sementes. Muitos deles plantam o milho com assistência dessas empresas, uma vez que irão produzir para posterior entrega a elas. Os produtores obtêm com estas transações preços mais remuneradores e também amparo total ao longo da safra, experimentando um mercado asser-



tivo e seguro. A produtividade esperada, até o momento, gera incerteza devido às condições climáticas (ausência de chuvas) que já começam a preocupar os produtores. Devido a sementeira ter sido bastante desuniforme, com plantios distintos, deverá haver variação na produtividade. A área plantada apresenta crescimento de 7,5% em relação à safra anterior.

Na Região Sul, a área plantada deverá apresentar manutenção nesta temporada em razão do desempenho previsto no Paraná, único produtor regional afetado pelas péssimas condições do clima.

No Paraná, o plantio foi finalizado, e a área estimada é 2.250,2 mil hectares, praticamente idêntica à da safra passada. Apesar do plantio concluído, a cultura está sendo afetada pela falta de chuvas, razão da forte redução prevista nos níveis da produtividade estimada, 8,6%, em comparação ao ocorrido na safra

passada. A complicação surge pela possibilidade que esse quadro se deteriore, caso as chuvas não ocorram brevemente, uma vez que aproximadamente 50% das lavouras se encontram nos estádios de florescimento e frutificação. As condições das lavouras são classificadas como 5% ruins, 31% médias e 64% boas. A colheita se inicia em maio, estendendo-se até setembro.

Dessa forma, a área plantada com o milho segunda safra no país, nesta temporada, deverá apresentar incremento de 7% em relação ao exercício anterior. As condições de instabilidade do clima nas regiões sudeste e sul geram a expectativa de comprometimento nos níveis de produtividades, estimando-se apresentarem uma redução de 3,1%, atingindo 5.508 kg/ha. Nessas condições, a produção estimada poderá atingir 75.913,3 mil toneladas, representando elevação de 3,7% em relação ao exercício anterior.

Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
PI	Sudeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RN	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.1.7.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

A Conab passa a realizar o monitoramento das lavouras em regiões consideradas como novas fronteiras. Nessas regiões, o plantio se concentra no período que se estende de maio a junho, assemelhado ao que acontece com aquelas plantadas no Hemisfério Norte. Estamos nos referindo às produções localizadas nas regiões de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia) e também as localizadas nas áreas situadas acima da linha do equador, como as de Roraima.

Na Bahia, as lavouras de milho cultivadas na região nordeste do estado ocorrem sob o regime hídrico das chuvas de inverno. Neste levantamento verificou-se que a área semeada deverá ser semelhante à área de 231,1 mil hectares, ocupada na safra anterior. Os plantios foram iniciados pela agricultura familiar e serão, a partir de maio, realizados pelo segmento que usa elevada tecnologia. Cerca de 76% do milho produzido nesse período utiliza elevado aporte tecnológico, com sua produção destinada ao setor granjeiro (aves e porcos) da Bahia e demais estado da Região Nordeste.

Em Sergipe, a safra de milho é muito importante para a economia, principal produto do agronegócio local. Neste levantamento observa-se a perspectiva de manutenção da área, com alguns municípios, principalmente na região do sertão, de ocorrer significativa migração da produção de silagem para grãos. Vale ressaltar que, de acordo com os modelos de previsão climática, diversos fatores apontam para uma condição de precipitação semelhante à ocorrida no último ano, que pode respaldar ainda mais o interesse pelo milho, tendo em vista os elevados preços praticados

na comercialização do cereal.

Em Alagoas, o milho da terceira safra aguarda o início das chuvas para o plantio, com os produtores já preparando o solo. A expectativa é que até o início de junho o plantio esteja concluído em uma área estimada em 34,1 mil hectares para esta temporada. Produtores locais reclamam de uma entrega ainda não realizada pelo governo de sementes para o plantio.

Em Roraima, a intenção de plantio aponta para um forte aumento de área em relação à safra anterior. Para essa safra a estimativa é que sejam cultivados 13 mil hectares, que será confirmada ao longo do plantio, quando serão feitas as atualizações das estatísticas. Vale lembrar que, em vista do período de chuvas ser muito concentrado, o milho com características empresariais não é plantado após a colheita da soja, devendo o produtor escolher entre as duas culturas.

Para a terceira safra, as estimativas iniciais para a temporada 2019/20 dão conta de uma área plantada em torno de 511,2 mil hectares, que, a depender das condições climáticas, poderá atingir uma produção de 1.171 mil toneladas.

Consolidando as informações referentes às três safras do cereal, a estimativa nacional de plantio do milho na temporada 2019/20 deverá apresentar uma área de 18.515,9 mil hectares, contra 17.492,9 mil hectares, representando acréscimo de 5,8%, sobre o ocorrido na safra passada. As estimativas de produção totalizam 102.336,6 mil toneladas, aumento de 2,3% sobre o exercício passado.

Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho terceira safra

UF	Mesorregiões	Mês												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
PE	Agreste Pernambucano - PE	FR/M	M/C	C										
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C									
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C								

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.1.9. SOJA

No exercício 2019/20 ocorreu crescimento de 2,7% na área plantada da soja brasileira em relação à safra passada, saindo de 35.874 mil hectares para 36.843,5 mil hectares, na atual. Esse comportamento encontra respaldo na forte liquidez que o produto apresenta na sua comercialização, no comportamento do câmbio

5.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

2 Chuvas em atraso e irregulares caracterizaram o início da safra, nessa região. A partir de janeiro, com a normalização do clima de uma forma generalizada, observou-se a melhoria significativa das lavouras, resultando numa boa safra para o exercício 2019/20.

Em Rondônia, as lavouras consideradas de primeira safra, situadas no cone sul do estado, foram totalmente colhidas. A soja de segunda safra, cujos estádios se apresentam com 25% em floração, 65% em frutificação e 10% em maturação, estão concentradas na parte norte do estado. Em algumas lavouras plantadas em áreas planas e com solo altamente argiloso, as chuvas causaram alguns entraves com as máquinas, prejudicando o início da colheita.

No Pará a soja na região de Paragominas e no Baixo Amazonas, encontra-se no início da colheita, e os produtores têm reclamado do excesso de chuvas, afetando a qualidade dos grãos. Na região sul, que responde por aproximadamente 25% da produção, alguns produtores obtiveram rendimento de até 3.600 kg/ha. A área de soja no estado atingiu 591,7 mil hectares, com produtividade média de 3.061 kg/ha. A produção está estimada em 1.811,2 mil toneladas.

Em Tocantins, a colheita da soja foi encerrada. O atraso na época do plantio e o excesso de chuvas na colheita das lavouras mais tardias acabaram prejudicando o encerramento da safra, fazendo com que o estado não alcançasse produtividades recordes. As chuvas frequentes em março fizeram com que a colheita fosse paralisada em algumas regiões, principalmente no norte do estado. Além da perda de potencial produtivo, foram relatadas perdas na qualidade da soja colhida devido ao aumento da porcentagem de grãos ardidos.

No Maranhão, a área plantada de soja nesta safra foi de 976,4 mil hectares, cerca de 1,6% inferior à área na safra 2018/19. A produtividade média é estimada em 3.196 kg/ha, representando um aumento de 8,7% em

e na atual pandemia do coronavírus, com suas repercussões nas cotações da oleaginosa. A produção brasileira nesta temporada deverá atingir 120.329,6 mil toneladas, representando aumento de 4,6% em relação ao período anterior.

relação à safra anterior.

A colheita na região sul, que representa aproximadamente 70% da área total semeada, foi finalizada. Nas demais regiões a semeadura iniciou no final de dezembro, alongando-se até fevereiro, com a previsão da colheita ser realizada no período que se estende de maio a junho. Essas lavouras se encontram entre os estádios de enchimento de grãos e maturação, e se apresentam em boas condições produtivas e sanitárias.

No Piauí, a irregularidade e a baixa intensidade das precipitações pluviométricas no início do período chuvoso ocasionaram um replantio de 11% das áreas de soja. Pouco mais da metade dessa área replantada migrou para milho, pois a janela ideal de plantio da soja já havia encerrado, e o milho apresentava na ocasião condições de mercado bastante favoráveis ao produtor. Dessa forma, a área efetivamente plantada foi de 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada. Até a semana do levantamento 85% da safra já havia sido colhida, restando 15% que estava em maturação e em condições de colheita. Espera-se uma produtividade superior ao da safra anterior, em 2,2%, atingindo os 3.129 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de soja ocupam nesta safra a área de 1,6 milhão de hectares, e a produção é estimada atingir 5.808 mil toneladas de grãos. Foi registrado aumento de 1,3% na área cultivada, expansão ocorrida sobre áreas de algodão e de pousio. A colheita evoluiu em 90% da área cultivada, com relatos pontuais de grãos ardidos devido às chuvas. As áreas colhidas apresentam ótimos rendimentos, com relatos de produtividades entre 3.600 kg/ha e 4.200 kg/ha. O bom acompanhamento no campo, aliado ao monitoramento remoto, aproximam esta safra do recorde obtida em 2017/18. Não havendo perdas devido ao excesso de chuvas, e as condições para enchimento e maturação dos grãos favoráveis, espera-se que as lavouras possam atingir a produtividade média de 3.630 kg/ha.



5.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país ocorreu incremento na área plantada, de 2,9% em relação ao verificado no plantio passado, atingindo 16.574,4 mil hectares. A colheita está encerrada, e a produtividade é a mais alta da história.

Em Mato Grosso, a colheita foi finalizada na primeira quinzena de abril, e o estado colheu a maior safra de sua história. A produtividade média registrada foi de 3.489 kg/ha, 4,3% maior do que a registrada no ciclo anterior, de 3.346 kg/ha, como resultado das excelentes condições climáticas e da ampliação nos investimentos e tecnologia empregada às lavouras. Mato Grosso colheu 34.904,3 mil toneladas, elevação de 7,5% em relação à safra anterior, na qual, 32.454,5 mil toneladas foram obtidas.

Em Mato Grosso do Sul, a área estimada foi de 2.950,7 mil hectares e produtividade de 3.530 kg/ha. A colheita foi encerrada e a qualidade do produto colhido foi considerada boa, não ocorrendo descontos por grãos fora do padrão. A comercialização da soja avançou significativamente em abril, com uma estimativa de 85% de grãos comercializados. Os preços têm estimulado os produtores a venderem o produto, aproveitan-

do o momento de dólar valorizado e a partir de agora vencem a maioria dos prazos para a entrega dos contratos firmados. Com relação aos problemas decorrentes do coronavírus, a logística segue sem maiores problemas.

Em Goiás, a soja teve a colheita concluída na semana do levantamento. O resultado foi considerado bom, com os grãos apresentando ótima qualidade e rendimento médio em torno dos 3.516 kg/ha. A produção totalizou 12.464,6 mil toneladas, representando incremento de 9% em relação ao exercício anterior.

No Distrito Federal, a área plantada com soja na safra 2019/20 foi de 74,5 mil hectares, 1,8% superior à cultivada na safra anterior. A produtividade atingida foi de 3.900 kg/ha, o que resultou em uma produção de 290,6 mil toneladas. O excesso de chuvas verificado nas últimas semanas de março, prologando até a primeira quinzena de abril, contribuiu para que a soja chegasse úmida no armazém, provocando filas extensas de caminhões aguardando a passagem pelo secador, este fator também colaborou para o atraso da colheita.

5.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada apresentou a maior elevação percentual dentre as regiões, com incremento de 7,2% em relação ao período anterior, quando foi plantados 2.571,1 mil hectares.

Em Minas Gerais, a colheita foi finalizada. Houve atraso em razão do excesso de chuvas até fevereiro e de um maior percentual de lavouras de ciclo tardio em algumas regiões produtoras. Em razão das condições climáticas favoráveis houve aumento substancial da produtividade média estadual, estimada agora em

3.572 kg/ha, superior em 10,9% à safra anterior. O aumento na área de plantio em relação à safra anterior, de 4,6%, tem como explicação os bons preços de mercado nas últimas safras, bem como a garantia de venda do produto.

Em São Paulo, as lavouras foram amplamente beneficiadas pelas condições climáticas durante todo o desenvolvimento vegetativo. A produtividade estimada em 3.567 kg/ha aparece como recorde estadual, repercutindo no incremento da produção de 31,2% em relação ao período passado, atingindo 3.958,7 mil toneladas.

5.1.9.4. REGIÃO SUL

Ocorreu incremento percentual na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. A região saiu do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares, na temporada 2019/20. Problemas climáticos prejudicaram o rendimento, resultando em uma produção 8,8% menor que na última safra.

No Paraná, a colheita está praticamente concluída, com uma produtividade média de 3.774 kg/ha, incremento de 26,3% em relação à obtida na safra pas-

sada, severamente atingida por condições climáticas adversas. O regime hídrico que ocorreu durante os estádios de desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos, contribuiu para o bom desenvolvimento da cultura.

Em Santa Catarina, a colheita se encaminha para o final, faltando menos de 5% da área a ser colhida. Em termos de rendimento, observa-se que houve redução do potencial previsto anteriormente, principalmente



nas lavouras mais tardias, que foram acompanhadas por estiagens durante praticamente todo seu ciclo de desenvolvimento, como aconteceu na região central do estado, principal região produtora e onde a semeadura é mais tardia. A estimativa de produção atual é de 2.293,6 mil toneladas, representando redução de 3,7% em relação ao exercício anterior.

No Rio Grande do Sul, a colheita da soja avançou em abril, chegando a 93% da área total. O pequeno volume de chuvas registrado em abril, somente contribuiu para o aumento das perdas, que já eram grandes devido à ausência de umidade no solo, que foi sendo cada vez mais agravada desde fevereiro. Em algumas regiões, no entanto, os problemas ocorrem desde dezembro. A falta de chuvas foi implacável com a cultu-

ra da soja, reduzindo drasticamente a produção em todo o estado, sem exceção. Com os resultados sendo apurados, confirma-se que essa é uma das piores secas para a cultura, uma vez que desde a safra 2011/12 não se registrava tamanha magnitude de perdas nas lavouras. Além da produtividade, cerca de 1/3 da produção teve qualidade afetada em virtude da maturação forçada, que gerou grãos miúdos, achatados e esverdeados. Assim, a produtividade média do estado foi novamente ajustada para baixo, passando para 1.937 kg/ha, uma redução de mais de 41,7% em relação à safra anterior. Com isso, também desde 2011/12 não se produzia tão pouco no estado, com 11.431,8 mil toneladas, representando 40,4% a menos que a safra anterior, que havia apresentado recorde histórico.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RR	Norte de Roraima								PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C							
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C				
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C							
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



5.1.10. SORGO

A área total de sorgo é estimada em 785,3 mil hectares, aumento de 7,2% em relação ao efetivado na temporada anterior. São estimados que o Brasil produza 2.379,6 mil toneladas nesta safra, aumento de 9,3% em relação à safra passada.

No Pará, o sorgo, por ser uma cultura intermediária, ele ocupa áreas de safrinha ou como proteção de solo para a soja, teve recuo de 19,4% em relação à safra 2018/19. As principais regiões produtoras estão no sudeste e sul do estado. Paragominas e Santa Maria das Barreiras se destacam. Os grãos têm sido comercializados com produtores de bovinos para alimentação dos plantéis.

No Piauí, as lavouras de sorgo são cultivadas como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorreu entre o final de março e início de abril. A cultura se encontra predominantemente em estágio vegetativo e, por ser uma cultura mais rústica e que apresenta menor exigência hídrica que o milho, os produtores optaram por investir nesta cultura. Com isso, a área levantada atingiu os 28,4 mil hectares, redução de 5,3% em relação à safra anterior. A produtividade esperada é de 2.000 kg/ha.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 0,8 mil hectares, contra 0,7 mil hectares da safra passada, ou seja, um aumento de 14,3%. A produção estimada do grão será 25% maior que a safra 2018/19.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Soma-se a isso, a substituição de áreas destinadas à cultura por outras de maior relevância comercial. Em relação ao sorgo granífero a cultura registrou na safra 2018/19 a área de 0,2 mil hectares e produtividade de 1.700 kg/ha. Para esta safra, registra-se uma área semelhante, e a estimativa de produtividade é de 1.600 kg/ha.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22,4% em relação à safra passada. Essa redução na área do sorgo registrada no centro-sul do estado, motivada pela mudança de comportamento do produtor, que após sucessivos anos agrícolas com estiagem, optou pela produção de silagem de sorgo ao invés de colher o grão.

As lavouras no centro-sul e centro-norte foram cultivadas em janeiro e fevereiro, e as plantas apresentam bom desenvolvimento, iniciando a fase reprodutiva, com colheita esperada para o início de maio.

No extremo-oeste, os plantios foram realizados durante maio, em sucessão às lavouras de soja. As lavouras seguem em estágio de desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso, a cultura perde espaço a cada ano e, neste ano, com os excelentes preços e rentabilidade atrelados à cultura do milho, o sorgo segue em segundo plano. Além do milho, outras culturas têm ganhado espaço na segunda safra, a exemplo do algodão e do gergelim, sendo este bem resistente ao clima seco, característica também do sorgo, e o aspecto econômico, tanto de lucratividade quanto de facilidade na comercialização, tem predominado na opção em relação às demais culturas. A área destinada à cultura neste ciclo será de apenas 23 mil hectares, após queda de 29,2% em relação ao último ano, no qual 32,5 mil hectares foram semeados. Com as lavouras principalmente em fase de desenvolvimento vegetativo, a produtividade estimada é de 2.823 kg/ha, que deverá resultar em produção estadual de 64.900 toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura já foi toda semeada na região norte do estado e, assim como o milho, já sofre com o estresse hídrico. Porém o cereal é mais resistente que o milho e, além disso, está 100% em desenvolvimento vegetativo.

Com o atraso na semeadura do milho e o encerramento do zoneamento agroclimático para o este, surgiu em alguns municípios o cultivo do sorgo, o qual foi semeado ao final de março e início de abril.

O incentivo veio por meio da oferta de sementes como alternativa ao cultivo de milho, por ser uma cultura de menor custo e mais rústica às intempéries, principalmente baixa precipitação, que foi preponderante para animar os produtores a semearem o cereal. Em geral, são áreas relativamente pequenas, não maiores que 50 hectares, em que o objetivo é “testar” a cultura.

Nestas áreas, por ser um cultivo que apresenta elevada rusticidade, está com bom desenvolvimento vegetativo mesmo diante da restrição hídrica, e a demanda por controle de pragas é baixa, sem necessidade de aplicações de inseticidas até o momento.

Em Goiás, a escassez de chuvas, observada ao longo das últimas semanas de abril, aliada ao ataque do pulgão amarelo da cana-de-açúcar, levou à queda na produtividade potencial para o sorgo em quase todas as loca-



lidades consultadas. O pulgão amarelo tem sido uma praga de difícil controle e uma das principais razões da queda de 10% na estimativa de produtividade em lavouras de Montividiu, porém ainda não chegou a regiões onde o cultivo de cana-de-açúcar é mais incipiente, como é o caso da região de Caiapônia.

O ataque do pulgão tem sido mais severo em algumas regiões e em outras tem sido relatada uma maior facilidade no controle. As plantas de sorgo no sul do estado se encontram em sua maioria em desenvolvimento vegetativo (68%) e o restante distribuído quase equitativamente entre os estádios de emissão de panícula e enchimento de grãos. De modo geral, a estimativa é que cerca de 30% da produção do grão nesta safra esteja negociada. No leste do estado, 10% das lavouras de sorgo estão em fase de florescimento.

O índice de comercialização do sorgo nesta safra está em torno de 20%, com preços variando entre R\$ 23 a R\$ 29 a saca de 60 quilos.

Foi constatado durante os levantamentos um incremento de área na ordem de 33,6% em relação à safra anterior, esse incremento de área, que se dá também devido aos bons preços que o produtor tem recebido pelo produto, uma vez que ele é atrelado ao preço do milho, os preços estavam atrativos na época de plantio e foi a opção para quem não quis apostar no plantio do milho fora da janela ideal de plantio, uma vez que o sorgo é mais resistente ao déficit hídrico que o milho, esses fatos levaram o produtor a elevar as áreas de plantio com sorgo no estado.

No Distrito Federal, a área deverá ser incrementada em

38,6%, comparando com a safra passada, saindo de 5,7 mil hectares para 7,9 mil hectares. A produtividade média deverá alcançar 4.516 kg/ha, resultando em uma produção de 35,7 mil toneladas, 31,3% superior à obtida na safra anterior.

O incremento na produção se dá, principalmente, pelo aumento na área plantada, que foi substituída pelo trigo de sequeiro. O plantio já iniciou, estando um pouco atrasado se comparado com a safra anterior.

Em Minas Gerais, o plantio se encontra em andamento. Lavouras dividem espaço com lavouras de milho segunda safra e trigo. Estima-se que 90% de toda a área já esteja semeada.

Em São Paulo, assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no país, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica. A escassez e a distribuição irregular nesse período do ano, onde a falta de chuvas constituem elevados riscos de perdas de produtividade do milho e de outras culturas devido às deficiências hídricas que geralmente ocorrem nas fases críticas de desenvolvimento das culturas, favorecem o cultivo do sorgo.

Para minimizar riscos maiores de perdas nas lavouras, o produtor tem optado pelo cultivo do sorgo, por sua rusticidade, resistência e tolerância a períodos de baixa umidade do solo.

A estimativa é que se registre um crescimento de 1,5% na área e 4,1% na produtividade em relação à safra anterior.

Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo									
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia	P	P/G/DV	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



5.2. CULTURAS DE INVERNO

A safra 2020 para as culturas de inverno está se iniciando, com a implantação das primeiras lavouras, especialmente de trigo, em algumas regiões produtoras do país. De maneira geral, são esperados mais de 2.662,6

mil hectares destinados ao plantio desses cereais de inverno, com perspectiva de produção na ordem de 6.820,9 mil toneladas.

5.2.1. AVEIA

No Paraná, o plantio da cultura está em fase inicial, com cerca de 9% dos 92,6 mil hectares previstos nessa safra efetivamente semeados. Os produtores estão esperando uma maior regularidade das chuvas para intensificarem as operações, que devem se estender até junho. Essa estimativa de área total cultivada representa incremento de 3,3% em relação à temporada ante-

rior, podendo potencializar a produção final.

No Rio Grande do Sul, as operações de plantio ainda não começaram, no entanto, a perspectiva é que sejam semeados cerca de 271,1 mil hectares com a cultura, representando mais de 67% da área total esperada na safra.

Quadro 12 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MT	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.2.2. CANOLA

No Paraná, a área prevista para plantio da cultura nesta safra é de 700 hectares, indicando redução de 22,2% em comparação ao ano passado. Os preparativos para implantação das lavouras estão sendo realizados, e a expectativa é que toda a área seja semeada até junho.

O Rio Grande do Sul é o grande produtor da cultura em âmbito nacional. O estado concentra quase toda a área destinada ao plantio do cereal e, para essa safra, a previsão é que tal supremacia se mantenha, com projeção de semeadura na ordem de 33,1 mil hectares, representando cerca de 98% da área total brasileira.

5.2.3. CENTEIO

No Paraná, o plantio do centeio está previsto para iniciar a partir de maio, com projeção de destinação de 3,2 mil hectares. Tal número indica aumento de 26% na área plantada em comparação à temporada passada.

Essa variação pode ser creditada aos benefícios que o cereal traz, tanto na alimentação, como nos quesitos agrônômicos, com a constituição de uma boa cobertura superficial ao solo por meio de sua palhada, além de melhor ciclagem dos nutrientes.

5.2.4. CEVADA

No Paraná, o plantio ainda não foi iniciado, algo que deverá ocorrer a partir de junho. A área prevista para tal cultivo é de aproximadamente 62,6 mil hectares, 3,1% superior à safra passada.

da área plantada em relação ao ciclo passado, devendo permanecer em 56,7 mil hectares semeados. Quanto à produtividade média, a projeção inicial é de 2.370 kg/ha, propiciando uma produção de 134,4 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a expectativa é de manutenção



5.2.5. TRIGO

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados os mesmos 3 mil hectares observados na temporada passada. A região produtora está localizada principalmente entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto. O cultivo é predominantemente irrigado e deve ser realizado em maio, com calendário de colheita previsto para agosto e setembro.

Em Mato Grosso do Sul cerca de 10% dos 32 mil hectares previstos para essa safra já foram plantados. As condições climáticas ainda não são as mais favoráveis à implantação das lavouras, pois as principais regiões produtoras estão registrando baixos níveis de precipitação nas últimas semanas. Ainda assim, a perspectiva é que haja incremento na área semeada em comparação a 2019.

Em Goiás, o trigo é cultivado tanto em condições irrigadas (sistema pivô central) como em manejo de sequeiro. No entanto, o clima não tão favorável no último ciclo, trouxe uma sinalização de diminuição das áreas cultivadas em sequeiro. Aliás, as primeiras delas já foram semeadas em algumas regiões do estado, porém a tendência é que haja maior predomínio para as lavouras irrigadas (que só serão cultivadas tardiamente). De maneira geral, a perspectiva inicial é que sejam semeados cerca de 21 mil hectares em todo estado, com previsão de produção na ordem de 111,7 mil toneladas.

No Distrito Federal, a previsão para esta safra é de 2,4 mil hectares destinados à produção de trigo, com o cultivo sendo manejado tanto em condições de sequeiro como irrigado. A expectativa inicial para a produtividade média é de 3.692 kg/ha, resultando em uma previsão de produção em torno de 8,9 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em

condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras de sequeiro já foram semeadas e estão em fase de desenvolvimento vegetativo. Já as áreas destinadas ao cultivo irrigado ainda estão com plantio em andamento, com perspectiva de finalização até junho. Ao todo, estima-se cerca de 83,3 mil hectares destinados à triticultura nesta safra, com projeção inicial de produção na ordem de 210,8 mil toneladas.

Em São Paulo, a expectativa inicial é de incremento da área plantada com a cultura em comparação ao ano passado. São esperados cerca de 81 mil hectares semeados nesta temporada, indicando incremento de 4,6%. As lavouras ainda estão em fase de implantação, mas as poucas chuvas ocorridas em algumas das regiões produtoras fizeram com que as operações de plantio reduzissem seu ritmo, esperando por condições climáticas mais favoráveis.

No Paraná, a semeadura ainda está em fase inicial, com cerca de 7% dos 1.080 mil hectares previstos para a triticultura nesta temporada. Essa estimativa indica incremento de 5,5% na área plantada em comparação os 1.023,7 mil hectares cultivados na safra anterior. Os produtores aguardam a ocorrência de chuvas regulares para intensificar as operações de plantio, pois as últimas semanas foram mais secas no estado. Das lavouras já implantadas, 31% estão em condições consideradas médias e 69% em boas condições.

No Rio Grande do Sul, a previsão é que as operações de plantio do trigo iniciem a partir de junho, com projeção de semeadura na ordem de 735,9 mil hectares. O estado é um dos principais produtores do cereal, e as primeiras estimativas apontam para um volume produzido de 1.981,8 mil toneladas.



Quadro 13 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

5.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a área plantada estimada para a cultura nesta safra é de 3,6 mil hectares, simbolizando aumento de 5% em comparação à temporada anterior. A produtividade média projetada é de 2.884 kg/há, e a produção esperada neste primeiro momento é de 10,4 mil toneladas.

No Paraná, a expectativa é que sejam semeados 6,3 mil hectares com o triticale nesta safra. As operações de plantio devem se intensificar em maio, com previsão de finalização até o fim de junho.





6. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

6.1. ALGODÃO

O Brasil exportou 90,6 mil toneladas em abril de 2020, volume 18% superior ao mesmo período do ano passado. No ano comercial, que se encerrará em junho, já foram exportadas 1,8 milhão de toneladas, ante 1,1 milhão de toneladas no mesmo período de 2019. Esse valor representa que os produtores conseguiram exportar cerca de 90% do saldo entre produção e consumo interno.

A partir de agora, as exportações devem começar a sentir de maneira mais intensa os efeitos da crise causada pela pandemia do novo coronavírus. Para o ano civil de 2020, a expectativa do setor de exportar 2 milhões de toneladas já é revista para cerca de 1,7 milhão de toneladas. Com isso, o estoque para o final deste ano previsto pela Conab passou de 1,6 milhão de toneladas para 1,9 milhão de toneladas, fator que deverá causar pressão negativa nos preços.

O consumo interno para o ano de 2020 também já começa a ser revisto, e a expectativa de ultrapassar as 700 mil toneladas em um ano mais uma vez é frustrada, não devendo passar das 650 mil toneladas. Além da perda de renda por parte da população, o isolamento social e o fechamento de lojas afetam fortemente o consumo de algodão no varejo. Diante da baixa demanda muitas indústrias diminuíram o seu ritmo de produção.

6.2. ARROZ

Apesar da reduzida safra 2018/19, a significativa retração do consumo, identificada no período de comercialização de tal safra, refletiu em preços próximos da estabilidade, com ameno viés de alta em virtude do significativo saldo da balança comercial do arroz. Como resultado, nota-se, pela terceira safra consecutiva, redução nas estimativas de estoques de passagem do setor.

Para a próxima safra 2019/20, com a expectativa de leve expansão (+4,2%) do volume colhido, com uma balança comercial equilibrada e com crescimento do consumo (+3,4%), projeta-se preço elevado ao longo de todo o período de comercialização da nova safra. Mais especificamente sobre o incremento esperado de consumo, com a intensificação da crise da Covid-19

6.3. FEIJÃO

A escassez de chuva em boa parte das regiões produtoras do país está contribuindo negativamente para aumentar a quebra da safra dessa leguminosa.

Em virtude das adversidades climáticas, reduzindo a cada dia a qualidade e a quantidade da mercadoria ofertada, a tendência é de um quadro de suprimento bastante apertado e com preços em patamares elevados. No entanto é difícil estimar até que patamar poderá alcançar as cotações em virtude das dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar para repassar esses valores ao setor varejista, e esse, aos consumidores.

Nota-se que os compradores estão comedidos nas aquisições para evitar maiores elevações das cotações. O produto que está sendo colhido no Paraná e na região sudoeste de Goiás não está atendendo plenamente às empresas de maior porte, que são mais exigentes na qualidade do produto.

O mercado de feijão-comum preto segue calmo e, independente da grande diferença de preços em relação

6.4. MILHO

O principal ajuste no quadro de oferta e demanda está no consumo.

Em relação à safra 2018/19, houve uma pequena alteração no consumo doméstico, visto que o volume de milho destinado à produção de etanol foi de 3,48 milhões de toneladas para produção de 1,68 bilhão de litros no ano de 2019, ou seja, 476 mil toneladas de milho a mais para o consumo de milho, fazendo com

e o isolamento social de parte da população, haverá aumento na alimentação em domicílio, que possivelmente refletirá em aumento de consumo de arroz.

Em relação à balança comercial, depois de um superavit de 865,1 mil toneladas na safra 2017/18, houve retração do superavit para 323,1 mil toneladas. Para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projeta-se equilíbrio entre o importado e o exportado em 1.100 mil toneladas, com a perspectiva de elevados preços internos e dólar valorizado. Cabe destacar que, para que esse cenário de equilíbrio se concretize, é necessário que os preços do arroz se valorizem ainda mais que o observado atualmente, haja vista os elevados valores de paridades de importação e de exportação do grão, comparativamente às cotações internas.

ao feijão-carioca, as cotações se encontram estáveis.

Em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real. Ressalta-se que em 2019 ocorreu uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas, registradas no final de maio no Paraná, comprometeram cerca de 30 mil toneladas de feijão-comum preto.

Já para as exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, porém sem perspectiva de expansão em razão da redução no plantio e do limitado mercado internacional de feijão-caupi, tipo de grão exportado pelo país.

Em suma, para a temporada 2019/20 prevê-se o seguinte: computando as três safras, em abril chega-se em um volume médio de produção estimado em 3,05 milhões de toneladas. Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 239,9 mil toneladas, do consumo em 3,05 milhões de toneladas, das importações em 100 mil toneladas e das exportações de 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem de 178 mil toneladas.

que o estoque de passagem chegasse a 10,9 milhões de toneladas.

Já para a safra 2019/20, o consumo terá uma leve redução na demanda do etanol, caindo de 6 milhões de toneladas para 5,6 milhões de toneladas, bem como uma diminuição em virtude da demanda do setor de proteína animal, que deverá crescer menos que se esperava.



O setor de aves e suínos estimava um crescimento médio entre 4% e 5% em relação ao ano anterior. No entanto, diante da diminuição da demanda interna, por influência da Covid-19, estima-se um crescimento de apenas 1%, tendo em vista que as exportações de carnes devem permanecer bem aquecidas.

Assim, há uma diminuição na projeção de consumo interno na ordem de 1,93 milhão de toneladas de milho, fechando num volume total de 68,52 milhões de toneladas.

A estimativa de exportação deve seguir com um vo-

6.5. SOJA

Os preços (spot) internacionais de abril de 2020 na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) caíram em 18,16 pontos (2,04%), passando da média de UScents 886,03/bu em março de 2020 para UScents 867,87/bu em abril de 2020.

Se comparado ao mesmo período de 2019, o valor dos preços internacionais estão 3,19% menores, cotados em UScents 896,42/bu em média.

Os preços internacionais estão em baixa, motivados ainda pela disputa comercial sino-americana que afeta as exportações de soja americana para a China e trazem os preços abaixo de UScents 9/bu. Outros motivos que fizeram os preços baixarem foram:

- Pandemia com Covid-19, que traz problemas econômicos em vários países do mundo;
- Guerra do petróleo que causou queda na bolsa do mundo todo;
- Fechamento dos frigoríficos nos Estados Unidos por causa da pandemia.

Para maio de 2020 é esperado que o problema do coronavírus continue sendo um forte motivo de baixa dos preços internacionais, e ainda há um acirramento do problema político entre Estados Unidos e China,

6.5. 1. EXPORTAÇÕES

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de abril de 2020 fecharam em 16,3 milhões de toneladas, esse número é 73,40% maior que o exportado em abril de 2019, que foi estimado em 9,4 milhões de toneladas. No acumulado, o Brasil exportou, até o momento, aproximadamente 33,66 milhões de toneladas de soja em grãos, enquanto que no mesmo período de 2019 esse valor era de 25,16 milhões de

toneladas, porém há espaço para incremento até o final do ano, tendo em vista o câmbio mais elevado historicamente e a paridade seguindo acima de R\$ 45 a saca de 60 quilos no porto e próxima dos R\$ 30 a saca de 60 quilos no interior do Mato Grosso.

Nesse cenário, os estoques de passagem estão estimados em 11,14 milhões de toneladas, cenário bem mais confortável que se estimava antes da crise do novo coronavírus e a disputa comercial do petróleo entre Rússia e Arábia Saudita.

que deve dar uma desvalorização nos preços CBOT. No mercado nacional, estima-se que mais de 80% da safra já esteja comercializada.

Os prêmios de portos de abril de 2020 (Porto de Paraguaçu-PR) continuam oscilando dentro da média dos cinco anos, cotados em média a UScents 59,77, mas 89,74% superior ao cotado em abril de 2019, em maio 2020 os prêmios de portos devem continuar dentro dessa média dos cinco anos, cotados a UScents 66,86/bu.

Os preços internos continuam sustentados pelo dólar, que fechou abril de 2020 no valor próximo de R\$ 5,20, com isso, os preços médios no Brasil, no mês citado, foi de R\$ 87,18 a saca de 60 quilos, valor superior ao cotado em março de 2020, que foi de R\$ 82,86 a saca de 60 quilos, mais de 30,84% superior ao cotado em abril de 2019, no valor de R\$ 66,63, onde a média do dólar era de R\$ 3,89. Apesar dos preços internacionais com tendência de baixa para maio de 2020 e prêmios de portos dentro da média, os preços internos devem continuar aquecidos, motivados ainda pela alta do dólar.

As exportações de abril foram muito superiores ao esperado, a tendência é que, ao contrário dos últimos anos, as exportações comecem a reduzir a partir de maio.

toneladas. As exportações devem continuar fortes nos próximos meses, e para maio é esperado (line-up) uma exportação de 12 milhões de toneladas, totalizando um número entre 75 e 77 milhões de toneladas.

É esperado um consumo total, em esmagamento de soja em grãos, para 2020, de aproximadamente 44,5 milhões de toneladas.



6.6. TRIGO

Apesar do mercado interno de trigo se encontrar com baixa liquidez na comercialização em abril, as cotações apresentaram as maiores valorizações dentre os principais grãos. Os fatores altistas foram: o restrito volume de trigo nacional, a grande dependência das importações do grão, a alta do dólar e a baixa oferta de trigo argentino, principal fornecedor brasileiro. O trigo pão foi negociado a um preço médio de R\$ 58,50 a saca no Paraná, apresentando valorização mensal de 7,43%, e no Rio Grande do Sul, valorização de 5,23%, sendo a média mensal cotada a R\$ 48,02 a saca.

Já a cotação FOB Golfo apresentou desvalorização, como em outras commodities, influenciada principalmente pela pandemia do coronavírus, além da valorização do dólar em relação às outras moedas, a desvalorização do petróleo e a menor demanda pelo cereal norte-americano. A média mensal foi de US\$ 235,26 a tonelada, apresentando desvalorização de 1%.

Para suprir a demanda interna em abril de 2020 foram importadas 748,2 mil toneladas, sendo 94,28% de origem argentina, 3,97% de trigo uruguaio e 1,74% de

trigo paraguaio. No mesmo período foram exportadas 21,5 mil toneladas, sendo a maior parte para o Vietnã.

A Conab revisou os números relativos ao quadro de oferta e demanda para a safra 2019/20, no que se refere ao volume de moagem, que passou de 11.900 mil toneladas para 12.200 mil toneladas, bem como incrementou o volume a ser importado em 200 mil toneladas e o montante a ser exportado em 100 mil toneladas. O estoque final deverá ser de 247,6 mil toneladas, o mais baixo da série apresentada, o que deve contribuir para a valorização das cotações no mercado interno até o ingresso da nova safra.

A importação prevista de 7,2 milhões de toneladas para a safra atual e de 7,3 milhões de toneladas para a próxima safra é justificada pelos baixos volumes de estoque de passagem verificados. Nos últimos três meses as importações apresentaram volumes superiores aos da média dos últimos três anos e dos últimos cinco anos, por isso, acredita-se que o montante a ser importado seja de 7,2 milhões, com viés de alta. Se não houver aumento na produção na safra vindoura o volume a ser importado poderá ser ainda maior.



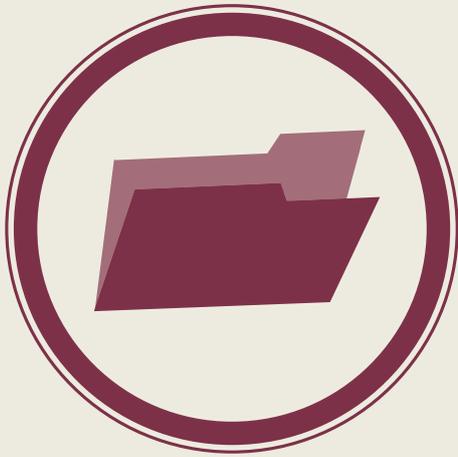
Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPOR-TAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.669,5	1.431,9
	2019/20	Abr/20	1.431,9	2.880,4	2,0	4.314,3	690,0	2.000,0
	Mai/20	1.431,9	2.879,0	1,0	4.311,9	650,0	1.700,0	1.961,9
Arroz em casca	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	671,8	10.445,1	1.037,7	12.154,6	10.250,0	1.360,9	543,7
	2019/20	Abr/20	543,7	10.568,8	1.100,0	12.212,5	10.600,0	1.100,0
	Mai/20	543,7	10.884,3	1.100,0	12.528,0	10.600,0	1.100,0	828,0
Feijão	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	287,4	3.016,9	149,6	3.453,9	3.050,0	164,0	239,9
	2019/20	Abr/20	243,8	3.120,7	100,0	3.464,5	3.050,0	160,0
	Mai/20	239,9	3.048,1	100,0	3.388,0	3.050,0	160,0	178,0
Milho	2013/14	6.246,4	80.051,7	789,2	87.087,3	53.676,0	20.882,8	12.528,5
	2014/15	12.528,5	84.672,4	315,4	97.516,3	54.650,9	30.131,3	12.734,1
	2015/16	12.734,1	66.530,6	3.336,2	82.600,9	54.837,1	18.847,3	8.916,5
	2016/17	8.916,5	97.842,8	952,5	107.711,8	57.643,9	30.813,1	19.254,8
	2017/18	19.254,8	80.709,5	900,7	100.865,0	60.945,1	23.742,2	16.177,7
	2018/19	16.177,7	100.046,3	1.596,4	117.820,4	65.716,3	41.173,2	10.930,9
	2019/20	Abr/20	11.403,9	101.867,9	1.000,0	114.271,8	70.451,8	34.500,0
	Mai/20	10.930,9	102.336,6	900,0	114.167,5	68.523,0	34.500,0	11.144,5
Trigo	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.427,6	6.753,1	13.866,3	12.481,4	582,9	802,0
	2019	802,0	5.154,7	7.200,0	13.156,7	12.506,1	400,0	250,6
	2020	Abr/20	450,6	5.431,3	7.200,0	13.081,9	12.313,4	300,0
	Mai/20	250,6	5.432,8	7.300,0	12.983,4	12.513,4	300,0	170,0

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2019/20; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em maio/2020/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



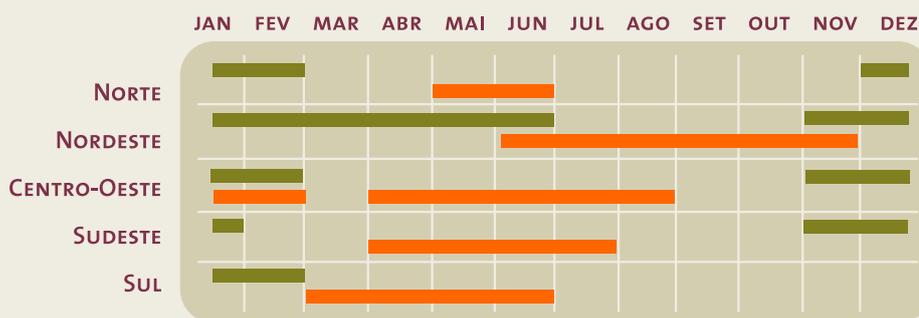


7. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

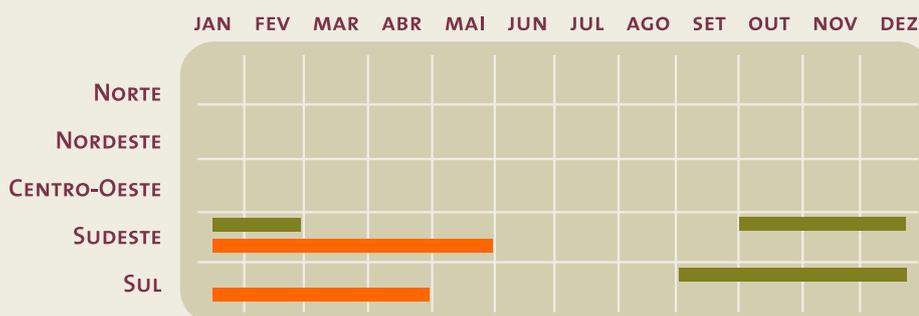
■ Plantio ■ Colheita



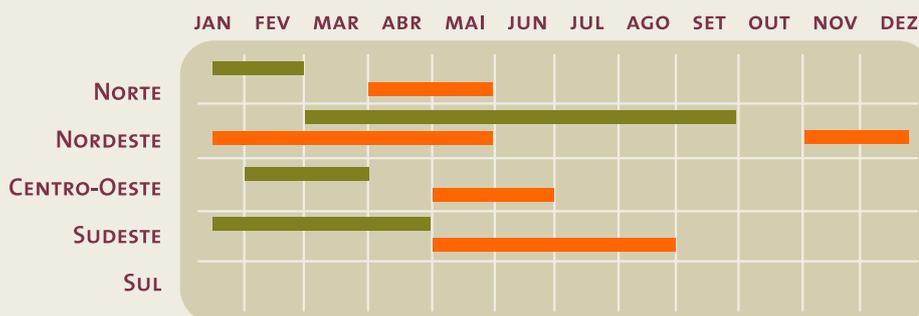
Algodão



Amendoim 1ª safra



Amendoim 2ª safra



Arroz

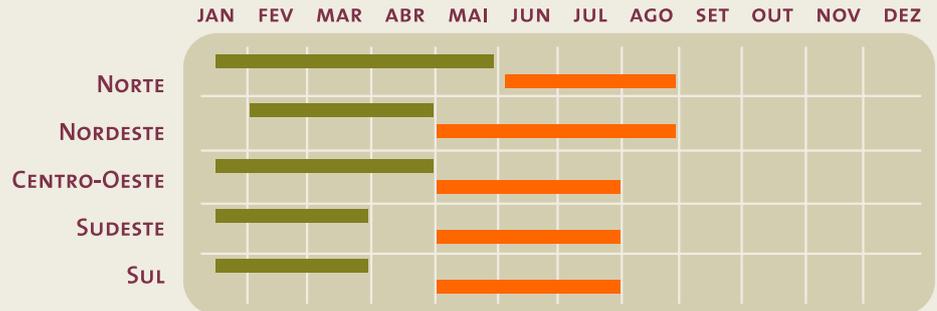


Feijão 1ª safra

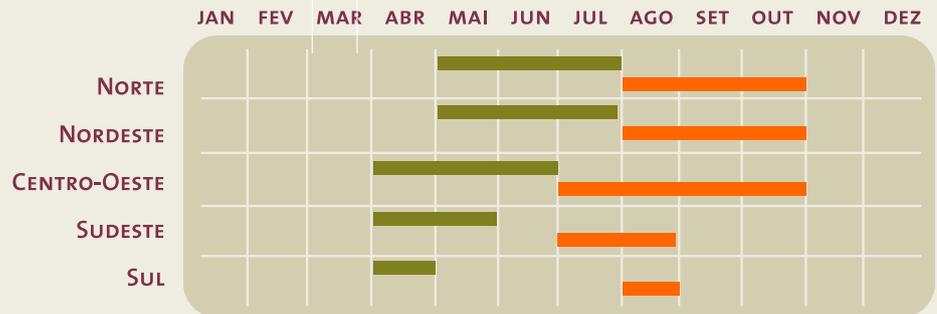




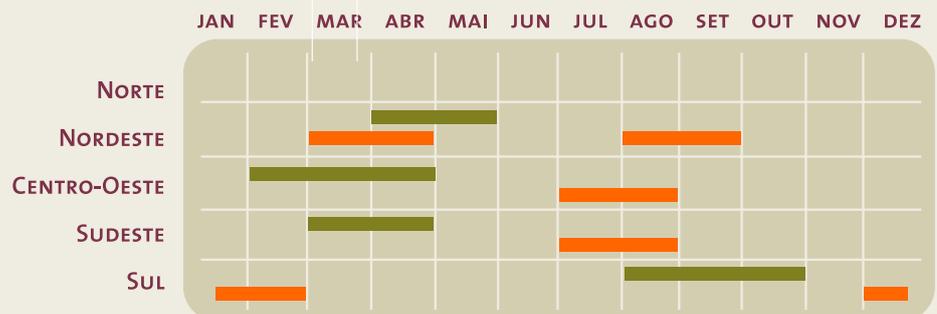
Feijão 2ª safra



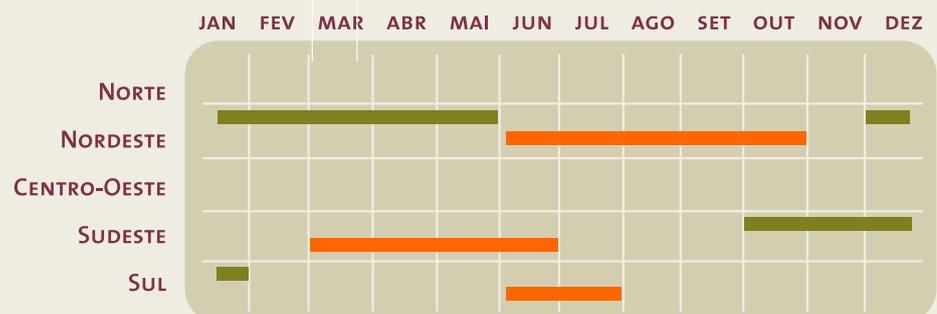
Feijão 3ª safra



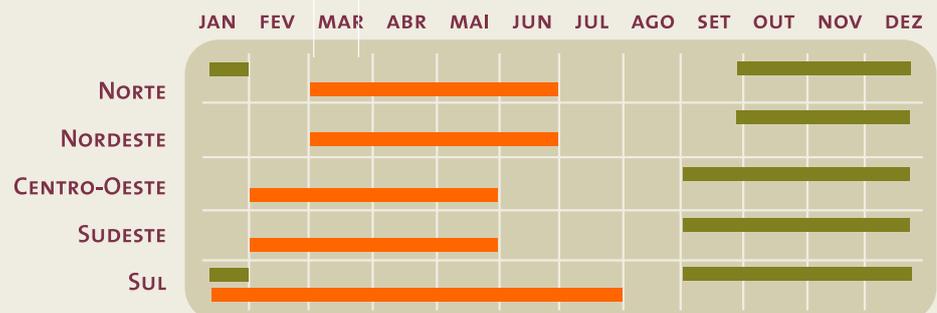
Girassol



Mamona



Milho 1ª safra





Milho 2ª safra



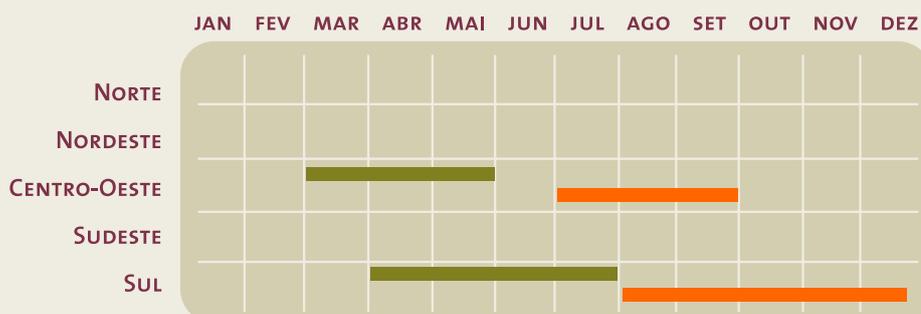
Soja



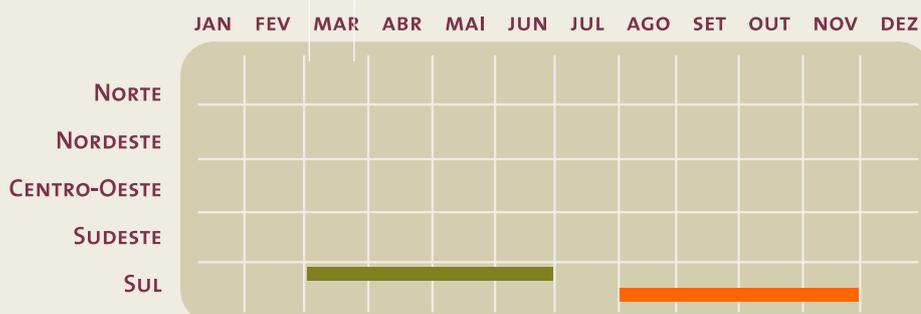
Sorgo



Aveia

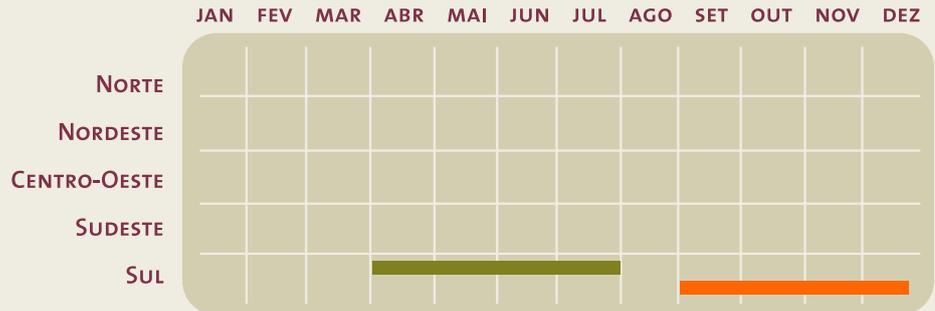


Canola

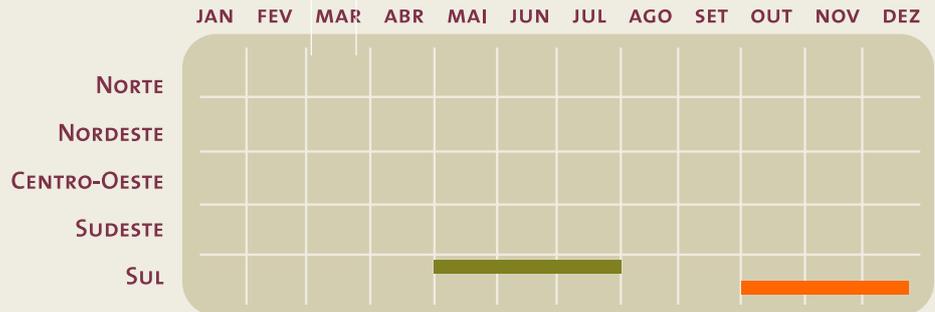




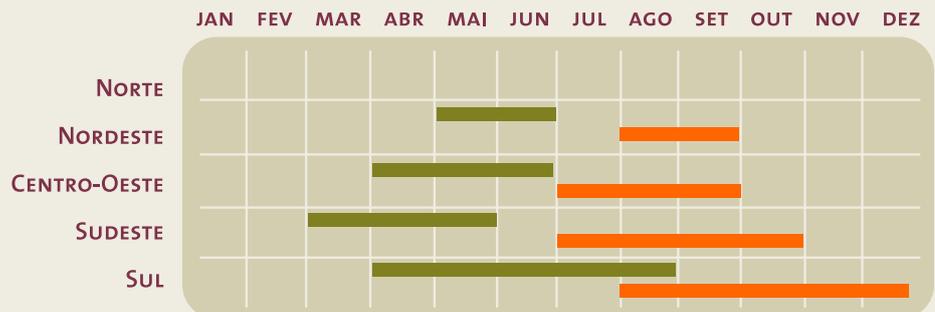
Centeio



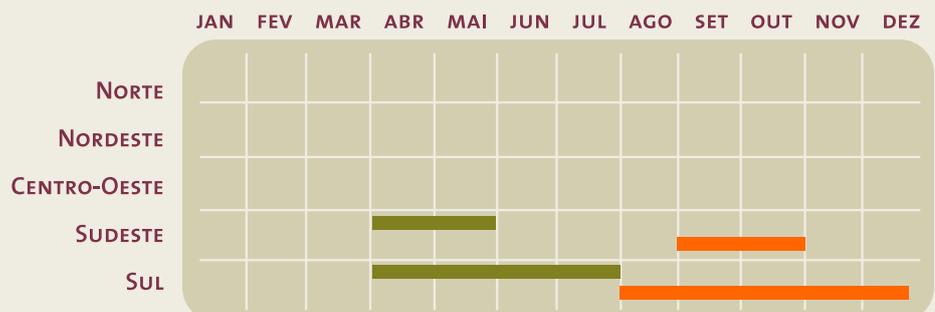
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

